

ILAN BRÉNMAN

VIAGEM

AO REDOR DO

MUNDO

CONTABILIZADAS

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO, VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2024 - Objeto 3
Código da coleção:

0028 P24 03 02 000 000

SOLUÇÕES
MODERNA





MODERNA

ILAN BRÉNMAN

VIAGEM

AO REDOR DO

MUNDO

← — EM — →

37 HISTÓRIAS

ILUSTRAÇÕES DE CARLO GIOVANI

1ª EDIÇÃO
2022

SOLUÇÕES
MODERNA 

Edição de texto: Marília Mendes, Gabriel Kolyniak
Gerência de design e produção gráfica: Patricia Costa
Coordenação de produção: Denis Torquato
Gerência de planejamento editorial: Maria de Lourdes Rodrigues
Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite
Projeto gráfico: Camila Fiorenza, Bruno Tonel, Apis Design
Capa: Camila Fiorenza, Bruno Tonel, Apis Design
Coordenação de arte: Mônica Maldonado
Edição de arte: Jéssica Diniz
Editoração eletrônica: MRS Editorial
Coordenação de revisão: Elaine C. del Nero
Revisão: Ana Maria C. Tavares, Estilo Edição de Livros
Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues
Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Ana Isabela Pithan Maraschin, Denise Feitoza Maciel, Marina M. Buzzinaro, Vânia Maia
Pré-impressão: Alexandre Petreca, Fabio Roldan, José Wagner Lima Braga, Marcio H. Kamoto, Selma Brisolla de Campos
Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro
Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brenman, Ilan
Viagem ao redor do mundo em 37 histórias /
Ilan Brenman ; ilustrações de Carlo Giovani. --
1. ed. -- São Paulo : Soluções Moderna Editora, 2022.

ISBN 978-65-5351-333-4

1. Literatura infantojuvenil I. Giovani, Carlo.
II. Título.

22-127591

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.
Todos os direitos reservados

SOLUÇÕES MODERNA EDITORA
E SERVIÇOS EDUCACIONAIS LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 – Sala 4 – Belenzinho
São Paulo – SP – CEP 03303-904
Atendimento: Tel. (11) 3240-6966
2022

Impresso no Brasil

MODERNA

Dos diversos instrumentos utilizados pelo homem, o mais espetacular é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensões do seu corpo. O microscópio, o telescópio são extensões de sua visão; o telefone é a extensão da sua voz; em seguida, temos o arado e a espada, extensões do seu braço. O livro, porém, é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação.

Jorge Luis Borges

SUMÁRIO

O espelho da humanidade 8

1ª PARADA: GRÉCIA

Pavão misterioso	10
A ambição de Midas	12
Orelhas de burro	17
A flor de Jacinto	21
O amor impossível	24
Eros e Psique	27
As estações do ano	30
	39

2ª PARADA: CHINA

O começo de tudo	43
O peso imaginário	44
Teimosia	47
O arqueiro	48
A sabedoria de Confúcio	49
O susto da morte	53
O encontro de Confúcio com Lao-Tsé	57
	60

3ª PARADA: BRASIL

Sabido, sabidão!	62
Um padrinho muito estranho	64
Quem é o dono do ovo?	69
A história que é toda feita de puns	74
A esperteza do quati	77
A galinha Frankenstein	80
O mistério das três velhas	84
O pássaro que queria matar o sono	89
	91

4ª PARADA: **RÚSSIA**

	92
O camponês tolo	94
Quem muito quer...	97
O príncipe arrogante	99
A menina inteligente	101
Destino	107
A mulher mais chata do mundo	110
O homem mais teimoso do mundo	113

5ª PARADA: **ÁFRICA**

	114
Ananse, a contadora de histórias	116
A pedra mágica	121
A partilha do gnu	123
O conselho do burro	125
O desafio de rei	127
Dofu, o sábio	129
A história mais curta da África	133
Os irmãos, a velha e o Monte Kilimanjaro	134

Autor e obra	138
Ilustrador	140
Um tecido de histórias e tradições	142



1ª
PARADA

GRÉCIA



4ª
PARADA



2ª
PARADA



5ª
PARADA

ÁFRICA

OCEANO
ÍNDICO



O espelho da humanidade

Toda vez que entramos num carro nos deparamos com retrovisores. Pode ser o carro mais moderno do mundo, lá estão os famosos espelinhos. Por que precisamos de retrovisores? Porque é fundamental olhar para trás com certa frequência (mas sem obsessão), ver se um caminhão desgovernado está prestes a nos atropelar, olhar se um ciclista precisa de nossa ajuda para virar numa esquina. Olhar para trás é uma forma de compreendermos como estamos posicionados espacialmente e mentalmente no presente e assim podermos prosseguir em nosso caminho.

Os antigos contos populares, como os desta coletânea, são um grande, um imenso retrovisor da humanidade. Através deles, podemos compreender como funcionava a mente dos nossos ancestrais, ver e analisar nossas diferenças e, principalmente, nossas semelhanças com aqueles que foram responsáveis por nos legar o mundo que conhecemos. Ler e compartilhar mitos, contos e lendas é uma forma prazerosa, reflexiva e poderosa de autoconhecimento, e o autoconhecimento é o motor de transformações individuais e coletivas.

Além disso, os contos que os antigos contavam estimulam a criatividade, explicitam uma ética moral fundamental



no convívio social, dão exemplos, sedimentam experiências, transmitem conhecimento, mostram a diversidade cultural presente no mundo, aproximando os diferentes. E, claro, boas histórias dão um prazer imenso aos leitores.

Começamos nossa coletânea com sete lindos mitos gregos, algumas histórias pouco conhecidas e outras que já viraram clássicos entre leitores do mundo inteiro. A nossa segunda parada é na cultura chinesa, onde você poderá encontrar mitos e contos de sabedoria que demonstram a força milenar de uma das civilizações mais antigas do mundo. Depois de um breve descanso, terceira parada: Brasil! Uma seleção de oito contos de origem popular e não tão conhecidos dos leitores: você ficará deslumbrado com a nossa criatividade, sabedoria e bom humor. A quarta parada é no maior país em extensão do mundo, a Rússia. As sete histórias populares da nossa coletânea também são de uma grandeza e beleza ímpar. E, finalmente, a nossa última e quinta parada, África, o berço da humanidade, o lugar onde o *Homo sapiens* nasceu, cresceu e se espalhou pelo mundo. São oito contos populares que possuem toda a força e beleza da fonte original. Apertem o cinto e boa viagem!

Ilan Brenman



1ª PARADA:

GRÉCIA

Ainda hoje, um poema só existe se for dito; é preciso conhecê-lo de cor e, para dar-lhe vida, recitá-lo para si mesmo com as palavras silenciosas da recitação interior. O mito também só vive se for contado, de geração em geração, na vida cotidiana.

Jean-Pierre Vernant



Pavão misterioso

Zeus, o deus dos deuses, era casado com a ciumenta e vingativa deusa Hera. O todo-poderoso deus olímpico, mesmo sendo comprometido, adorava paquerar e seduzir outras deusas e, principalmente, belas mortais.

Certa vez, na planície de Lerna, a linda princesa Io, filha do rei Ínaco, pastoreava os rebanhos de seu pai. Zeus, passando por lá, apaixonou-se loucamente por aquela mortal. Ele sabia que não podia aparecer na frente dela como deus. Se isso ocorresse, Io morreria fulminada pela sua luminosidade no mesmo instante. Portanto, decidiu tomar a forma humana e aproximar-se:

– Bela jovem, nunca antes na minha vida coloquei os olhos em tamanho esplendor.

Io ficou desconfiada daquelas palavras e decidiu afastar-se rapidamente daquele estrangeiro. Zeus era teimoso e orgulhoso, nunca deixaria Io desprezá-lo. Quando começou a pôr em prática seu plano de sedução, Zeus pressentiu a chegada de sua temperamental esposa, Hera.

Antes de Hera aparecer, Zeus rapidamente transformou Io numa linda vaca branca. Segundos depois, lá estava a primeira-dama do Olimpo:

– Esposo, de onde veio essa esplêndida vaca branca?

– Hera, você por aqui, que surpresa mais agradável! – disse Zeus, tentando pensar em algo para dizer a sua esposa.

– Não me enrole, Zeus. Quem é essa vaca?

– Bom, essa vaca é filha da terra de Lerna.

Hera, desconfiadíssima, decidiu então pedir a vaca de presente a Zeus. O deus dos deuses não teve alternativa.

Se negasse, ela descobriria tudo e destroçaria a vida da coitada da mortal:

– Claro, esposa. Eu havia mesmo pensado em dar-lhe este belo animal de presente.

A deusa amarrou a vaca pelo pescoço e a levou até um descampado. Ela a observou por longos minutos e, ainda desconfiada, chamou um monstruoso empregado de nome Argos. Tal criatura possuía cem olhos na cabeça, sendo que apenas dois se fechavam quando dormia.

– Argos, fique de olho nessa vaca! – disse Hera.

Argos foi instruído a andar pelos campos e avisá-la caso Zeus se aproximasse. Io andou por dias e noites, sem entender bem o que estava ocorrendo. Quando tentava falar, apenas mugidos saíam de sua boca; quando tentava levantar os braços, sentia o peso de suas patas impedindo-a de fazer movimentos humanos.

Certa manhã, Io aproximou-se de um lago e viu seu reflexo projetado na lâmina de água. Ficou horrorizada e compreendeu que aquele estrangeiro que tentou seduzi-la podia ser um imortal. Ao término desse pensamento, a princesa percebeu a aproximação de um homem. Era seu pai, o rei Ínaco.

O soberano ficou encantado com a beleza da vaca e começou a acariciá-la sob os olhares atentos de Argos. Io retribuía o carinho do pai, lambendo-lhe as mãos e tentando desesperadamente se comunicar com ele. Quando percebeu que o pai estava prestes a se afastar, deu um mugido intenso e começou a desenhar letras com seu casco... IO.

Ínaco ficou petrificado, observou profundamente os olhos da vaca e reconheceu neles a filha desaparecida:

– Estava a sua procura há dias, minha amada filha. Que desgraça se abateu sobre você? Quem é o culpado por essa maldição?

Io não conseguia responder às perguntas de seu pai, mas queria que ele a levasse embora daquele lugar. Porém, Argos a puxou com força e afastou o rei amargurado de perto de sua filha.

No Olimpo, morada dos deuses, Zeus assistia a toda essa cena comovido, queria de algum jeito ajudar a infeliz Io. Depois de pensar um pouco, Zeus chamou seu astucioso filho Hermes, o mensageiro dos deuses, e disse:

– Filho, por favor, ajude a pobre Io a libertar-se daquela criatura chamada Argos.

Hermes ouviu toda a história contada pelo pai e esboçou uma estratégia para ajudar a pobre mortal.

O mensageiro dos deuses desceu a Lerna, tirou seu chapéu e suas sandálias com asas, vestiu uma roupa de pastor, juntou algumas cabras e começou a aproximar-se do local onde estavam Io e Argos.

A criatura de cem olhos rapidamente percebeu a presença daquele pastor, levantou-se em posição ameaçadora, mas de repente ouviu uma melodia encantadora. Hermes tocava uma flauta de tubos de junco. A música era tão hipnótica que Argos disse:

– Estrangeiro, aproxime-se.

O mensageiro dos deuses começou a conversar com o serviçal de Hera. O tempo foi passando e, ao anoitecer, Argos já demonstrava seu cansaço. Hermes voltou a tocar sua flauta e percebeu que olho após olho foi cerrando-se na cabeça de Argos.

A criatura notou o que estava ocorrendo e, temendo a fúria de Hera, despertou e perguntou ao estrangeiro:

– De onde veio essa flauta que tem um som tão especial?

– Se você não estiver cansado, posso contar-lhe a história da origem dessa flauta – respondeu Hermes.

Quem recusa uma história? Mesmo morrendo de sono, Argos quis ouvir a história de Hermes.

O mensageiro dos deuses contou que há muito tempo, nas montanhas geladas da Arcádia, vivia uma ninfa chamada Siringe, tão bela que todos queriam casar-se com ela. Entretanto, a ninfa, assim como Ártemis, a deusa da caça, não queria saber de casamento nenhum.

Certa manhã, contou Hermes, o poderoso deus Pã encontrou no meio do seu caminho a encantadora Siringe e se apaixonou instantaneamente. Sem pensar muito, Pã a pediu em casamento e, como sempre ocorria, a ninfa recusou. A recusa causou um efeito terrível no coração do deus, que resolveu casar-se à força com ela.

Com alguns olhos já cerrados, Argos perguntou:

— E o que aconteceu depois?

Hermes contou que Siringe, percebendo a intenção de Pã, começou a fugir pelo meio da floresta. O deus, que era muito ágil, chegava cada vez mais perto dela, até que finalmente a ninfa se viu na margem do rio Ládon. O rio era muito largo e profundo para ser atravessado, e ela, desesperada, pediu auxílio para sua protetora, Ártemis.

O mensageiro dos deuses fez um silêncio nessa hora e continuou sua história dizendo que, assim que Pã agarrou Siringe, percebeu que estava abraçando uma vara de junco. Ele ficou com raiva e ao mesmo tempo infeliz, resolveu aproximar seus lábios da vara de junco e suspirou de paixão.

Ao fazer isso, ouviu um som saindo do outro lado do caniço e teve uma ideia. Siringe seria para sempre sua companheira, cortou a vara de juncos em vários tamanhos diferentes e os colou com cera. Ele havia acabado de criar a flauta de Pã, a flauta agreste, ou como muitos a conhecem: a Siringe dos pastores.

Mal acabara de contar sua história, Hermes percebeu que os cem olhos de Argos estavam fechados. Rapidamente tirou de trás de seu manto uma espada e, num movimento veloz, arrancou a cabeça da criatura.

Zeus ficou feliz com os acontecimentos, agradeceu Hermes e libertou Io. Hera, pressentindo algo errado na Terra, voou para Lerna e viu a cabeça de Argos decepada e a vaca desaparecida. Zeus havia aprontado novamente.

A deusa vingativa e ciumenta recolheu a cabeça de Argos, levou-a até o Olimpo, retirou todos os cem olhos de sua criatura e os espalhou nas caudas de suas aves reais. Ela tinha acabado de criar os pavões reais, os pavões de Hera, nos quais, quando abrem a cauda, podemos ver os olhos de Argos e lembrar-nos de toda essa história.



MODERNA

A ambição de Midas

Mesmo depois da encrenca bovina com Io, Zeus ainda continuava paquerando as mortais. O deus dos deuses apaixonou-se agora pela filha do rei de Tebas, Sêmele. Diferentemente de Io, Sêmele correspondeu ao amor de Zeus, que se transformava em mortal para encontrá-la.

Cada vez mais atenta aos passos do marido, Hera dessa vez conseguiu ver a traição de Zeus e decidiu vingar-se. A deusa incitou Sêmele a pedir ao todo-poderoso do Olimpo que se mostrasse em toda a sua grandiosidade divina. A princesa insistiu tanto que o deus dos deuses revelou-se em sua magnificência e, no mesmo instante, foi fulminada pela luz emanada do corpo de Zeus.

Acontece que Sêmele estava grávida do deus dos deuses, e, não querendo que seu filho morresse, Zeus o tirou da barriga da mãe e o acolheu em sua própria coxa, que estava bem costurada para o bebê ficar seguro.

Após três meses, nascia Dioniso, o nascido duas vezes. Zeus confiou seu filho a Hermes, que o afastou das garras da vingativa e ciumenta Hera.

Quando adulto, o deus do vinho, Dioniso, circulava por toda a Ásia Menor, sempre acompanhado de suas bacantes. Ele proporcionava por onde passava baladas inesquecíveis.

Depois de uma dessas festas de arromba, Dioniso sentiu a falta do seu grande amigo, o velho Sileno. Perguntou por ele e ninguém sabia onde estava. Sileno havia bebido tanto que estava dormindo profundamente embaixo de uma frondosa árvore, na região da Frígia.

Alguns camponeses reconheceram o amigo inseparável do deus do vinho e o levaram desacordado ao seu rei, Midas.

Este ficou entusiasmado com a presença de tão ilustre convidado, mandou dar-lhe um banho, vestiu o velho com roupas suntuosas e ofereceu um banquete farto e delicioso.

Sileno ficou hospedado por dez dias no palácio de Midas. No décimo primeiro dia, o rei reuniu um séquito e todos levaram o velho beberrão à presença do deus do vinho.

Dioniso ficou tão feliz ao rever Sileno, e mais ainda ao saber como ele fora tratado por Midas, que disse:

– Quem trata bem meu velho amigo é como se estivesse me tratando bem também. Portanto, caro rei, faça um desejo, qualquer um, e eu o realizarei com muito agrado e felicidade.

Midas não podia acreditar no que estava ouvindo, ele ansiava por uma oportunidade dessas havia anos. Sua ambição não tinha limites. Com olhos inebriados, ergueu o peito e disse:

– Dioniso, imortal da mais alta estirpe, quero que, a partir de hoje, tudo que eu toque vire ouro!

O deus ficou decepcionado com o desejo real, mas havia prometido conceder-lhe qualquer pedido.

– Que assim seja feito — disse Dioniso e afastou-se do rei.

Midas rapidamente fez um teste, encostou numa pequena pedra e... OURO! O séquito que o acompanhava estava tão radiante quanto o rei. Ele encostou em plantas... OURO! Em grãos... OURO! Em frutas... OURO!

– Serei o rei mais rico do mundo em pouco tempo — disse Midas.

O rei voltou para seu palácio. Ao tocar na maçaneta... OURO! Ele não se continha de alegria, chamou um empregado e ordenou:

– Prepare um banquete e com muito vinho, em homenagem a Dioniso.

Quando o banquete foi servido, Midas, morto de fome, pegou um pedaço de carne e, antes de pô-lo na boca, percebeu que tinha nas mãos uma pedra de ouro. Tentou comer pão,

tomar vinho, mas tudo se transformava em ouro assim que ele encostava suas mãos nos mais variados alimentos, bebidas e utensílios.

O rei se deu conta da besteira que havia feito. Aquele desejo era, na verdade, uma maldição. Sua riqueza o mataria de fome. Desesperado, implorou ao deus Dioniso:

– Estou arrependido de ter-lhe pedido tamanha maldição. Quero me livrar dessa riqueza que mata.

O deus do vinho ficou com pena do rei Midas e respondeu aos seus clamores:

– Da próxima vez, pense bem antes de pedir um desejo. Mas agora, para resolver seu problema, você terá que ir até a fonte do rio Pactolo e, chegando lá, mergulhe sua cabeça na água.

Midas sabia que teria de ser rápido, já que, sem comer por muitos dias, suas forças se esvaíam. Ao chegar à fonte do rio Pactolo, mergulhou sua cabeça na água gelada. Ao fazer isso, percebeu que grãos de ouro saíam de seus cabelos em grande quantidade. Por horas ficou na mesma posição, até que finalmente não saía mais ouro de sua cabeça. Ele estava livre da maldição. Dizem que é por causa dessa história que os rios carregam até hoje esse tão cobiçado e precioso metal.



Orelhas de burro

O rei Midas, depois de se ver livre da maldição, refletiu sobre tudo o que havia passado e decidiu doar toda a sua riqueza, além de abandonar seu palácio e ir morar nos campos e florestas. Mas, no fundo da alma do rei, ainda persistia a arrogância.

Numa das andanças do rei, que aliás tinha ficado com um dos seus criados para ajudá-lo, ele se deparou com uma cena única. Nas montanhas do Tmolos, havia centenas de mortais e ninfas aglomerados em roda; no meio, encontravam-se o deus Pã, Apolo e um velho.

– O que está havendo? – perguntou Midas a uma mulher.

– Pã desafiou Apolo para uma disputa musical.

– Como assim? – perguntou Midas.

– Pã afirmou que sua Siringa fabricava uma melodia mais linda do que a lira de marfim de Apolo.

– E quem é esse velho? – continuou indagando Midas.

– É o velho deus da montanha, ele será o juiz. E agora, silêncio, que a disputa vai começar.

Pã começou a tocar sua flauta agreste. Dela saía uma melodia doce e contagiante, Midas estava certo de que ganharia a disputa. Após o término de sua apresentação, ouviram-se muitas palmas e urros de felicidade.

Agora era a vez de Apolo. O deus começou a dedilhar as cordas de sua lira e, no mesmo instante, tinha-se a impressão de que a floresta inteira o estava ouvindo. A melodia parecia penetrar nas pedras, as folhas das árvores dançavam conforme o ritmo tocado, o tempo pareceu estar suspenso enquanto Apolo dedilhava sua lira. Ao terminar, os aplausos e urros foram os mais intensos já ouvidos por aquelas bandas.

O velho deus da montanha olhou para o rosto dos presentes, observou o céu, a floresta, fechou os olhos por alguns instantes e disse:

– O vencedor é Apolo!

Todos bateram palmas e gritaram de alegria, mas, assim que a turba se acalmou, Midas não se conteve e vociferou:

– Que decisão mais errada. Eu acho que o vencedor é Pã!

Ninguém podia acreditar na estupidez daquele comentário. Os olhos voltaram-se para Apolo, que se aproximou de Midas, segurou suas orelhas e deu um puxão com uma força descomunal.

Midas pôs as mãos nas orelhas e deu um grito tenebroso. Assim que tirou as mãos da cabeça, viu que todos o olhavam com uma cara estranha e, dali a pouco, estavam rindo da cara dele.

– O que aconteceu comigo? – perguntou ao criado.

O criado retirou um espelho da bolsa e o posicionou na frente do rosto de Midas. Ele viu que Apolo havia transformado suas orelhas humanas em duas orelhas de burro.

– Por quê? – gritou Midas para o deus Apolo.

– Porque só alguém com orelhas de burro pode achar que a música de Pã é melhor que a minha.

Midas afastou-se da montanha, pediu um turbante para o criado, o enrolou na cabeça e implorou:

– Querido criado, por favor, não conte a ninguém o que aconteceu comigo.

Acontece que o criado era um fofoqueiro de mão cheia, não conseguia guardar nenhum segredo. Mas, como o próprio rei solicitou o ocultamento dos fatos, o criado tentou conter-se.

Numa manhã, o criado acordou com uma dor estranha nos pés, era um tipo de formigamento que dava cosquinha e incomodava. Essa dor foi subindo para as canelas, depois para os joelhos, chegou à barriga. O criado estava ficando preocupado

e foi até a margem de um rio. A dor estava agora no peito e continuava subindo, foi para a garganta e finalmente chegou na língua. Vocês sabem o que era? Era o segredo do rei Midas querendo sair.

O criado não suportava mais segurar esse segredo, então teve uma ideia. Fez um buraco na terra da margem do rio e gritou com todo o ar do seu pulmão:

– O REI MIDAS TEM ORELHAS DE BURRO!

Ufa! Que alívio para o criado. Ele havia contado o segredo do rei e ao mesmo tempo ninguém sabia dele. Será mesmo?

O que o criado não sabia era que no lugar em que ele havia gritado o segredo do rei estava nascendo um imenso junco que, quando balançava ao vento, cantava: O REI MIDAS TEM ORELHAS DE BURRO, O REI MIDAS TEM ORELHAS DE BURRO...



MODERNA

A flor de Jacinto

Depois da vitória sobre Pã, Apolo, o deus da luz, da música e da poesia, dirigiu-se a uma planície nas cercanias de Esparta. Lá, sentou-se numa rocha e começou a dedilhar as cordas de sua lira de marfim. Depois de alguns minutos, um mortal, atraído pela música, aproximou-se de Apolo e perguntou:

– Estrangeiro, qual é o seu nome?

– Sou Apolo, filho de Leto e Zeus. E quem é você?

O mortal estava chocado com aquela revelação, nunca antes havia conversado com um deus e, com voz baixa e humilde, disse:

– Sou Jacinto, filho do rei lacônio Amiclas.

Apolo foi com a cara de Jacinto e os dois conversaram por horas. A partir daquele dia, nasceu uma amizade forte e verdadeira entre os dois.

Apolo sempre dava um jeito de sair de sua amada cidade Delfos para encontrar-se com Jacinto. Assim que se viam começavam a conversar, ouvir música e brincar. Num desses encontros, Apolo sugeriu:

– Amigo Jacinto, vamos praticar lançamento de disco?

O deus não precisou falar duas vezes. Jacinto correu até seu alforje e retirou de lá um pesado disco de metal.

– Deus da luz, você é o primeiro, tome.

Apolo segurou o disco como se houvesse segurado uma folha de árvore, olhou para o céu e começou a rodopiar...

O disco saiu como um raio da mão do deus, subindo e atravessando camadas e mais camadas de nuvens. Jacinto observava o céu e nada de o disco descer.

– Vou tentar encontrar o disco! – disse Jacinto, e saiu correndo.

O príncipe Iacônio começou a correr e, de repente, ouviu um zunido. Olhou para o céu e viu o disco descendo em sua direção. Ao ver aquela cena, Apolo gritou:

– Jacinto, cuidado! O disco está muito rápido.

Mas não deu tempo de essas palavras chegarem aos ouvidos do príncipe; o disco já o havia ferido mortalmente na cabeça.

Apolo correu até o corpo do amigo, agachou-se e percebeu que Jacinto estava morto. Um sentimento de tristeza sem tamanho apossou-se do deus da luz. Ele sabia que nem mesmo Zeus, o deus dos deuses, poderia desfazer as ações das Moiras.

As Moiras eram filhas de Têmis e de Zeus, responsáveis pela vida e morte dos mortais. Cloto, a Fiandeira, tinha como missão segurar e puxar o fio da vida; Láquesis, a Sorte, escolhia quem deveria morrer; e Átropos, a Inabalável, cortava o fio da vida.

Vendo que não havia mais o que fazer, Apolo decidiu transformar Jacinto em uma flor que fizesse todos se lembrarem da dor de perder uma grande amizade. Da terra molhada do sangue de Jacinto brotou um lírio, cujas pétalas foram marcadas pelo deus da luz com duas letras: AI. O som proferido pela leitura dessas letras lembraria para sempre o lamento de Apolo.



O amor impossível

Eros, o deus do amor, dizem alguns, era filho da deusa Afrodite, aquela que surgiu da espuma do mar. O pequeno Cupido sempre estava ao seu redor, atento, procurando possíveis vítimas de suas flechas encantadas. Quando alguém era ferido por essas flechas, ardia de amor por outrem.

Depois de meses sofrendo pela morte de Jacinto, Apolo repousava serenamente numa campina e não se deu conta da aproximação de Eros. O Cupido observou o belo deus, até que finalmente foi notado:

– Eros, o que fazes por aqui? – perguntou Apolo.

– Estava voando pelas redondezas, quando o avistei e me lembrei da sua tristeza com a morte de Jacinto. Você quer se apaixonar por alguém?

Apolo ficou silencioso por um tempo e depois respondeu:

– Creio que não é uma má ideia. O que você quer em troca?

Eros deu alguns passos em direção a Apolo e disse:

– Quero emprestado seu arco e flecha.

Apolo deu uma gargalhada e respondeu:

– Meu pequeno amigo, por que você quer um arco e flecha de um guerreiro? Você já tem o seu próprio arco e flecha. Aliás, Cupido, deverias saber que minha arma é muito superior à tua! Com ela já matei Píton, a serpente. E tu, quem mataste com tuas flechinhas de amor?

Eros não podia acreditar no que estava ouvindo. Ele queria apenas sentir a força do famoso arco de Apolo. Com muita raiva no coração, Eros se afastou e jurou a si mesmo provar sua superioridade perante Apolo.

Ao lado da campina onde estava Apolo, havia um frondoso bosque e nele encontrava-se uma linda ninfa de nome Dafne. Eros subiu alto ao céu, sacou duas flechas, uma com a ponta intacta e outra com a ponta quebrada, significando que aquele que a recebesse não seria capaz de amar mais ninguém na vida.

No ponto em que estava, Eros avistava tanto Dafne como Apolo. Esticou a corda de seu arco e disparou duas flechas ao mesmo tempo. A boa atingiu o coração de Apolo e a quebrada feriu Dafne.

A partir daquele instante, Dafne desistiu de qualquer possibilidade de união com mortais e deuses. Ficaria para sempre solitária. Acontece que, no coração de Apolo, nasceu um desejo incontrolável de se casar com Dafne. Sempre que se encontravam, ele, de joelhos, implorava:

– Ninfa mais bela do universo, quero teu amor e para isso farei qualquer coisa que pedires!

O deus da luz tocava sua lira por horas a fio na frente de Dafne, recitava poesias, presenteava-lhe com os mais preciosos e raros objetos do universo. A resposta sempre era negativa. Um dia, Apolo não suportou e disse:

– Se não queres por bem, será por mal!

Após dizer isso, começou a correr atrás de Dafne. A ninfa conseguiu desvencilhar-se de Apolo por quilômetros seguidos, mas o imortal era incansável e foi se aproximando cada vez mais de sua amada. Cansada e percebendo o real perigo que corria, Dafne seguiu na direção de seu pai, o rio Peneu, e gritou:

– Pai, ajude-me!

Mal acabara de proferir essas palavras, Dafne sentiu seu corpo grudando na terra úmida, suas pernas foram engrossando, seus braços metamorfosearam-se em ramos e seus

dedos agora eram folhas. Ela havia se transformado no primeiro loureiro do mundo.

Apolo chegou ao término da metamorfose, abraçou chorosamente o tronco do loureiro e disse:

– Não desistirei! Você sempre estará comigo!

O apaixonado e frustrado imortal arrancou uma porção de folhas e fez uma coroa de louros. Daquele dia em diante, Apolo sempre seria visto com Dafne em cima de sua cabeça. Ordenou também que todos os atletas que ganhassem suas competições fossem coroados com as folhas de louro, para que ninguém jamais se esquecesse do amor dele por sua ninfa.



MODERNA

Eros e Psique

Eros voltou todo feliz para a casa de sua mãe, Afrodite. Ele queria contar o que havia feito com Apolo e Dafne. Ao bater à porta do quarto da mãe, ouviu uma voz soturna:

– Não me incomodes! Não quero receber ninguém!

O deus do amor, preocupado com a mãe, respondeu:

– Sou eu, seu filho querido. Abra, vamos conversar.

A porta se abriu lentamente e Eros viu sua mãe deitada na cama. No rosto, uma expressão sombria.

– O que aconteceu, minha mãe?

Afrodite contou a Eros que seus altares e templos estavam vazios e quase nenhum mortal mais prestava oferenda à deusa do amor.

– E por que isso? – perguntou Eros.

A deusa do amor disse que na Terra havia três irmãs princesas muito belas. A caçula era tão bela quanto uma deusa. Seu nome era Psique. Os mortais ficaram fascinados com a formosura divina de Psique. Homenageavam-na com oferendas, canções e poemas.

– Mãe, você quer que eu faça algo para ajudá-la?

Afrodite olhou para seu pequeno filho e teve uma ideia maléfica:

– Voe até Psique e atinja-a com uma de suas flechas com a ponta enferrujada, assim ela irá se apaixonar por uma criatura desprezível e terá um casamento desastroso.

Eros achou o desejo materno realmente diabólico, mas, se era para ver Afrodite feliz, ele o realizaria sem pestanejar.

– Vou descansar uns dias e depois vou cumprir seu desejo, mãe.

Afrodite concordou com o descanso do filho. Seu coração agora começava a perder o peso daquela raiva, a mortal seria castigada para sempre.

Enquanto isso, na Terra, Psique, mesmo sendo uma das mortais mais lindas do mundo, estava triste como ninguém. Suas duas irmãs mais velhas arranjaram bons casamentos. Ela, por sua vez, continuava solteira.

O pai de Psique, vendo a tristeza da filha, resolveu ir pedir ajuda ao deus Apolo em Delfos. Ao chegar ao oráculo, o rei perguntou ao deus da luz onde poderia encontrar um bom marido para sua filha.

– Sua filha terá que ser vestida como uma noiva e ser levada ao cume de uma montanha – disse a voz de Apolo.

O rei não entendeu o motivo de tal ordem e perguntou:

– E o que vai acontecer depois?

– Ela tem que ser deixada sozinha no topo da montanha, porque seu marido a recolherá e a levará ao seu palácio.

– E quem será o marido da minha filha?

– Um monstro horrível, com veneno capaz de aniquilar milhares de mortais.

Um grito ecoou dentro do oráculo de Delfos. O rei sabia que não podia alterar o destino de sua filha.

Ao chegar a seu palácio, o rei reuniu a família e contou o que o oráculo lhe dissera. Todos sabiam que quem estava por trás desse desejo era Afrodite, irmã de Apolo.

No dia seguinte, Psique foi abandonada no cume da montanha, vestida de noiva. Ela passou horas sem saber de onde viria a criatura, quando, de repente, uma suave brisa começou a movimentar o seu vestido. O vento foi se intensificando até levantar o corpo da princesa e levá-la para um palácio do outro lado da montanha.

O vento carregou Psique até o meio da sala e foi embora. A princesa estava estupefata com a beleza daquele lugar, onde

só podiam morar imortais. Ela visitou todo o palácio, não encontrou nenhum monstro e, ao anoitecer, cansada, deitou-se numa confortável cama, em um belo quarto.

No meio da noite, Psique foi acordada pela chegada de um homem. A escuridão não a deixava ver quem era seu misterioso marido. Foram sucessivas noites do mesmo jeito, sempre na escuridão, sem ver o rosto daquele homem. Mas, mesmo dessa forma, Psique começou a apaixonar-se por aquele estranho.

Numa noite perfumada, Psique pediu:

– Amado marido, posso acender a lamparina para ver seu rosto?

– Se fizeres isso, juro que vou embora para sempre – respondeu o estranho.

A princesa não disse nada, e o estranho então disse:

– Suas irmãs querem lhe visitar. Eu lhe imploro que não as receba nem as ouça.

– Por quê?

– Porque assim que tem de ser.

Psique não respondeu e no dia seguinte ouviu suas irmãs gritando seu nome. A saudade era muita e decidiu pedir ao vento que as trouxesse ao palácio. Ao chegarem, as irmãs não podiam acreditar na riqueza daquele lugar. Em vez de estar casada com um monstro, descobriram que a caçula estava dormindo com um homem misterioso. Além disso, perceberam que ela estava mais linda do que nunca, usava joias das mais raras e caras do mundo e suas roupas pareciam as da própria deusa Afrodite.

A inveja das duas irmãs transbordava nas suas palavras falsas e bajuladoras. Elas começaram a pôr dúvidas na cabeça de Psique.

– Como é seu marido? – perguntaram as irmãs.

– Nunca o vi. Ele sempre chega na escuridão e não me deixa acender a lamparina.

– Com certeza ele é um monstro horrível, por isso não deixa que você o veja – continuaram as irmãs.

– Mas ele é tão carinhoso comigo, nunca me fez mal algum.

– É que na verdade ele está esperando que você engravide para, depois do nascimento do bebê, devorá-los, ambos – disseram as invejosas irmãs.

Psique foi ficando com uma pulga atrás da orelha. E, temerosa com seu futuro, perguntou:

– Que devo fazer?

As irmãs se entreolharam e responderam:

– Hoje à noite, assim que seu marido adormecer, acenda uma lamparina, veja o rosto dele e com uma faca corte-lhe a cabeça.

Psique enredou-se na trama malévola das irmãs. Quando elas foram embora do palácio, foi até a cozinha, pegou uma faca e uma lamparina e as escondeu embaixo da cama do seu quarto.

No meio da noite, como sempre, o marido chegou, deitou-se na cama, fez carinho em Psique e logo depois adormeceu. Nessa hora, com as mãos tremendo, ela pegou a lamparina e a faca. Assim que a luz iluminou o rosto do marido, Psique quase desmaiou de emoção; deitado ao seu lado estava um dos homens mais belos que ela já havia visto em toda a sua vida. A faca deslizou de sua mão, e ela ficou alguns minutos contemplando aquele ser que mais parecia um imortal.

Matar aquele homem era algo inconcebível. Em vez disso, Psique aproximou seus lábios do rosto dele e, sem perceber, arranhou-se com a ponta de uma flecha que estava bem embaixo do travesseiro.

Sim, o estranho homem era Eros, filho de Afrodite, que, ao ver a beleza de Psique, não conseguiu cumprir o desejo da

mãe. Eros estava apaixonado por Psique, e ela, ao ferir-se com a ponta da flecha, para sempre amaria o deus do amor.

Quando Psique estava prestes a beijar a face de Eros, uma gota de óleo da lamparina caiu no ombro do deus, que acordou, fitou a amada e saiu voando.

A princesa estava muito arrependida do que havia feito. Sua felicidade dissolvera-se como por encanto. Psique saiu do palácio, desceu a montanha e contou sua história ao pai. O rei sabia que se tratava de Eros, filho de Afrodite, e estava preocupado com a vingança da deusa do amor.

Oferendas e solicitações foram feitas para as deusas Hera e Deméter, mas as duas divindades não queriam ajudar Psique, já que isso ofenderia Afrodite.

A deusa do amor espumava de raiva. Resolveu sequestrar Psique e levá-la ao seu palácio. A princesa era chicoteada e maltratada diariamente, obrigada a realizar tarefas domésticas extenuantes e estranhas. Um dia, Afrodite encheu suas mãos com grãos de feijão, arroz e trigo, chamou Psique e disse:

– Linda princesinha, quero esses grãos separados ao anoitecer. – E, ao dizer isso, atirou todos os grãos ao chão.

Psique ajoelhou-se e começou a separar os grãos. Enquanto fazia um pequeno monte de arroz, percebeu que seria impossível realizar tal tarefa até o anoitecer. Os olhos da princesa lacrimejavam sem parar. De repente, ouviu uma voz que dizia:

– Amigas, a esposa de Eros necessita de auxílio.

Ela olhou para todos os lados, até que finalmente viu uma pequeníssima formiga chamando suas colegas. Um verdadeiro exército de formigas apareceu e começou a separar os grãos. Ao anoitecer, Afrodite se aproximou de Psique:

– Vejo que a senhorita teve ajuda de alguém. Mas não me interessa, minha raiva ainda é maior que o raio de Zeus. Amanhã você terá outra tarefa!

– O que devo fazer? – perguntou Psique, resignada.

– Ir para o campo dos carneiros de ouro. Quero uma mão cheia de lã dourada!

No dia seguinte, Psique foi ao campo. Tal tarefa parecia ser mais simples do que a do dia anterior. Mas, ao ver os carneiros, deu-se conta da dificuldade que enfrentaria. Os carneiros possuíam chifres enormes e afiadíssimos.

Para chegar até o rebanho, Psique tinha de atravessar um pequeno riacho, e, ao fazê-lo, um caniço lhe falou:

– Linda esposa de Eros, tome cuidado. Os carneiros têm chifres e dentes venenosos. Eles ficam furiosos durante o dia, porque o sol castiga seus corpos. Caso queiras a lã dourada, tens de vir à noite e retirá-la com facilidade dos arbustos em que se coçam os animais.

Psique agradeceu o auxílio do caniço e fez exatamente o que ele lhe dissera. No meio da noite, a princesa mostrava a Afrodite uma mão cheia de lã dourada.

– Não sei quem novamente a ajudou. Talvez algum deus deslumbrado com sua beleza. Mas agora você não vai conseguir ajuda de ninguém – disse Afrodite, com um olhar assustador. – Amanhã você irá à nascente do rio Estige, quero ter em minhas mãos uma garrafa cheia de água. Preste atenção, não quero a água das margens, mas sim a do meio do rio.

A princesa sabia que o Estige era o rio dos mortos. A missão era a certeza da morte. Na manhã seguinte, ela andou até a nascente do Estige e viu dezenas de dragões que cuidavam das margens. Não havia como realizar a tarefa. Cansada e abatida, Psique decidiu atirar-se de um penhasco, mas, ao saltar, uma águia a salvou e a levou ao meio do rio. Rapidamente, a princesa recolheu com a garrafa a água escura do Estige.

A águia era nada menos que o próprio Zeus, que resolveu retribuir um antigo favor que Eros lhe havia feito.

Afrodite estava inconformada com a sorte de Psique. Ao receber a garrafa com a água do Estige, disse:

– Seu martírio não acabou. Quero que você vá agora até o mundo subterrâneo e fale com Perséfone. Diga à mulher de Hades que quero ganhar um lindo presente.

– Mas, Afrodite, todos sabem que aquele que desce ao mundo subterrâneo não volta nunca mais – disse Psique.

– Não quero saber de suas lamúrias. Vá e volte o mais rápido possível – retrucou Afrodite, com um sorriso sinistro no rosto.

Ao se aproximar do mundo subterrâneo, Psique não viu nenhuma possibilidade de êxito na sua empreitada e novamente resolveu acabar com sua vida. Avistou uma alta torre, subiu no andar mais alto e, quando estava prestes a saltar, as paredes da torre começaram a falar:

– Não precisa se desesperar, você poderá descer ao mundo dos mortos e voltar com vida se fizer o que eu mandar.

– Diga, estou ouvindo – disse Psique, um pouco mais aliviada.

– Desça ao mundo subterrâneo com duas moedas de ouro.

– Por quê?

– Para pagar o barqueiro Caronte na ida e na volta. É ele que atravessa os mortais no seu barco pelo rio Estige. E, sem pagamento, nada de travessia.

– Que mais?

– Leve também dois bolos de cevada.

– Mas não estou com fome.

– Não é pra você, princesa. Depois que Caronte deixá-la na outra margem do rio Estige, você se deparará com Cérbero, o cão de três cabeças. Jogue um pedaço do bolo na ida e outro na volta para a criatura, assim ele a deixará em paz.

– E depois de Cérbero, o que mais encontrarei?

– Muitos mortos lhe pedirão ajuda, não fale com ninguém! Alguns lhe oferecerão comida, você só pode comer pão e água,

nada mais! Alguns lhe oferecerão um trono para descansar, não sente de jeito nenhum! Se estiver cansada, sente no chão! Entendeu tudo?

— Sim. E quando verei Perséfone?

— Depois de fazer tudo que mandei, a rainha do subterrâneo aparecerá e lhe dará o presente que Afrodite está esperando. Ouça com atenção, não abra a caixa que ela lhe dará, os segredos dos mortos só podem ser vistos pelos deuses.

Psique memorizou o que ouvira e iniciou sua descida ao mundo de Hades. Tudo que a torre falara foi acontecendo. Ela encontrou Caronte, deu-lhe uma moeda; depois veio Cérbero, atirou-lhe um bolo; logo em seguida, mortos pediam ajuda; ela os ignorou, não sentou em nenhum trono e não comeu nada além de pão e água.

Finalmente, Perséfone apareceu, deu-lhe a caixa e se despediu. Psique retornou pelo mesmo caminho, seguindo novamente os conselhos da torre. Porém, ao chegar à margem do rio Estige, a princesa não se continha de tanta curiosidade, resolveu abrir a caixa.

Dentro da caixa não havia nada visível, mas sim o ar invisível dos mortos. Aquele mortal que inspirasse o ar morreria rapidamente. Psique desmaiou assim que suas narinas foram tocadas pelo hálito mortal.

No palácio de Afrodite, Eros pressentiu que sua amada corria risco de morte e saiu voando em sua direção. Chegando lá, o deus do amor soprou para longe o ar dos mortos e levou Psique para o Olimpo.

Na morada dos deuses, Zeus deu à princesa ambrosia, um doce que, quando ingerido, torna a pessoa imortal. A princesa despertou e viu o rosto do deus do amor. Ambos se abraçaram e se beijaram, jurando que nunca mais se separariam. Psique agora tinha asas como Eros e era a mais nova deusa do Olimpo.



As estações do ano

Numa noite fria de inverno, Psique perguntou ao seu amado Eros:

– Lembra-se do presente de Perséfone?

– Como vou me esquecer? Você quase morreu por causa dele.

– É que fiquei curiosa para saber como Perséfone foi parar no mundo subterrâneo.

– Você não conhece a história do rapto de Perséfone?

– Não. Por favor, conte-me.

Eros começou sua história falando de uma época em que a deusa da fertilidade, Deméter, havia engravidado de Zeus. Meses depois, ela dera à luz uma bela menina chamada Perséfone. Mãe e filha viviam sempre juntas, amavam-se intensamente. Naquele tempo, só existia uma estação do ano, a primavera. Os campos estavam sempre repletos de vida e cores.

Numa linda manhã, Perséfone brincava com as filhas de Oceano nas cercanias de Hena, na ilha da Sicília. Nenhuma das jovens percebeu a aproximação de Hades, o deus dos mortos, que as observava atentamente.

Hades apaixonou-se perdidamente por Perséfone e resolveu sequestrá-la e levá-la para sua morada. Puxou-a com força para dentro de sua carruagem e saiu em disparada.

Deméter ficou desesperada com o desaparecimento da filha. Ninguém sabia o que havia acontecido. Aliás, Zeus sabia, mas estava com medo de contrariar seu irmão Hades, que não estava nada satisfeito com a divisão do mundo que o deus dos deuses havia realizado, deixando-o atrelado às profundezas da terra.

A mãe de Perséfone resolveu buscá-la por todos os cantos do mundo. Fazendo isso se esqueceu dos seus deveres como deusa da fertilidade. Os campos a cada dia ficavam mais secos e quebradiços, os animais não tinham o que comer e por consequência os homens também começaram a passar fome.

A tristeza de Deméter ameaçava a sobrevivência terrena. Mortais imploravam a Zeus que fizesse algo. O deus dos deuses, vendo o mundo prestes a se extinguir, chamou Hermes, o astuto mensageiro, e disse:

– Filho, fale com Deméter, conte o que aconteceu de uma forma a não enfurecê-la e dê um jeito de Perséfone ver a mãe.

Hermes rapidamente desceu e encontrou Deméter. Constatou que Perséfone havia sido sequestrada por Hades, mas que ele daria um jeito de trazê-la de volta.

– Mas e se ela já comeu do alimento do mundo dos mortos?
– perguntou, meio aliviada, Deméter.

O mensageiro dos deuses sabia que aquele que provava do alimento do mundo subterrâneo não podia mais voltar à Terra.

– Não se preocupe, Deméter. Darei um jeito de trazê-la para você.

Hermes foi falar com Hades. Disse que, se Perséfone não regressasse, o mundo acabaria.

– Agora já é tarde, ela comeu do meu alimento. A rainha Perséfone será minha para sempre – disse Hades.

– Mas você não percebe que a situação é grave? Sem a existência humana, não teremos mais oferendas, diversão, emoção e tantas outras coisas que eles nos proporcionam.

Hades ficou pensativo e resolveu falar com Zeus. O deus dos deuses confirmou as previsões trágicas de Hermes e deu uma ideia ao irmão:

– Deus dos mortos, por que você não deixa sua rainha encontrar-se durante alguns meses com sua mãe e depois ela volta ao seu reino?

Hades gostou da ideia, e assim nasceram as estações do ano. Quando Perséfone está com Hades é o inverno, quando sua mãe Deméter está triste e solitária e não deixa nada frutificar. Quando a filha regressa à mãe, é a primavera, a deusa da fertilidade está feliz e irradia seu sentimento por todos os cantos com suas flores e alimentos. No verão, mãe e filha estão tão cansadas de correr pelos campos que seus suores aquecem o mundo inteiro; mas, quando começa a chegar a hora de voltar ao mundo dos mortos, Deméter vai entristecendo e novamente os campos vão perdendo as cores, e o choro da mãe é visto na queda contínua das folhas das árvores: é o outono.

– Quer dizer que agora Perséfone está longe da mãe? – disse Psique.

– Sim. Estamos no inverno, e a tristeza de Deméter só se dissipará na primavera – respondeu Eros.

O casal pegou um cobertor, comeu um pouco de ambrosia e dormiu embalado pela música celestial do Olimpo.





2ª PARADA:

CHINA

Quem não conhece o valor das palavras
jamais compreenderá os homens.

Confúcio



O começo de tudo

Os antigos chineses acreditavam que, no início do universo, existia apenas um imenso ovo e lá dentro repousava um colossal gigante: Pan Gu. Por milhares de anos, tal criatura ficou de olhos fechados, dormindo, até que um dia, bem lentamente, Pan Gu abriu os olhos. E o que viu? Uma escuridão total!

O gigante ficou anos tateando as paredes do ovo e, não suportando mais aquela prisão, resolveu levantar os braços e romper aquela casca. O barulho da quebra do ovo universal foi mais alto do que milhões de bombas juntas estourando ao mesmo tempo.

As partes mais pesadas do ovo foram descendo e formando a terra; as partes mais leves subiram e formaram o céu. E entre a terra e o céu estava Pan Gu, o gigante desperto.

Estar fora do ovo, respirar o ar da liberdade, ver a luz do dia era um prazer inenarrável para Pan Gu. Entretanto, ele estava preocupado: “E se o céu resolvesse juntar-se novamente com a terra?”

Olhando para cima e para baixo, Pan Gu decidiu esticar os braços e segurar o céu, por via das dúvidas. Acontece que o gigante crescia três metros por dia, seria algo como um pescoço de girafa diariamente.

Depois de mais de 18 mil anos, Pan Gu começou a tranquilizar-se. Olhou para a terra lá de cima e viu que o céu nunca mais se juntaria a ela. O gigante abaixou os braços, suspirou e disse:

– Estou muito cansado! Acho que vou morrer! Mas queria tanto ainda criar outras coisas neste novo mundo... Já sei! Minha morte finalizará minha criação.

Depois de tomar sua decisão, Pan Gu deitou-se na terra e fechou os olhos. Deu um último suspiro e gritou: “VIDA!”

Então, começou uma grande transformação. O hálito do gigante foi ganhando forma e velocidade, estavam criados os nevoeiros, os ventos e as nuvens. O último grito de Pan Gu expandiu-se e criou os trovões celestes.

De repente, o olho esquerdo do gigante saiu de sua órbita e foi ganhando altura, até pendurar-se no céu: estava criado o sol. O olho direito, não querendo ficar sozinho, também saiu de seu lugar e foi grudar-se do outro lado do mundo: estava criada a lua.

E as estrelas? Essas foram formadas a partir dos longos cabelos e bigodes de Pan Gu. O céu, a terra, o sol, a lua e as estrelas já estavam criados; ainda faltavam mais elementos da natureza. Os braços e as pernas do gigante descolaram-se do corpo, cada um foi para um canto do mundo e lá fincaram suas raízes. Estavam criadas as montanhas mais altas e poderosas da China.

Quando os membros de Pan Gu saíram de sua morada, começou a jorrar muito sangue do corpo do gigante, que se espalhou rapidamente pela terra: estavam criados os rios. A pele da criatura foi rachando e os músculos do gigante começaram a pular para fora, transformando-se em terras férteis. Os tendões foram correndo atrás dos músculos e viraram estradas que interligavam os campos.

A testa de Pan Gu estava molhada de suor, que rapidamente se transformou na chuva. Os pelos do gigante pularam como pipoca do seu corpo, espalharam-se por todos os cantos e transformaram-se nas florestas verdes da China.

E o que aconteceu com os dentes, ossos e tutano de Pan Gu? Foram correndo se esconder no fundo da terra e do mar; viraram pérolas, jades e outras riquezas naturais.

E os homens? Dizem alguns, foram criados a partir da alma de Pan Gu, que subiu ao céu e depois caiu juntamente com a chuva na terra. Dessa mistura, alma de Pan Gu e terra, teria nascido a humanidade.



O peso imaginário

Dois monges, um velho e outro jovem, caminhavam serenamente numa estrada de terra da província de Huainan. Os dois não conversavam, apenas contemplavam a natureza e meditavam silenciosamente.

Depois de alguns quilômetros de caminhada, eles se depararam com um riacho. Para atravessá-lo, iriam no máximo molhar as canelas. De repente, do nada, apareceu uma jovem belíssima. Ela olhou para os monges e disse:

– Por favor, vocês podem me atravessar para o outro lado do riacho?

O monge jovem fulminou a mulher com os olhos e pensou: “Que mimada, só para não molhar o vestido. E todo mundo sabe por aqui que mulher não pode tocar num monge”.

O monge velho não quis nem saber e disse:

– Pode subir.

A jovem agarrou-se às costas do velho, que a atravessou para o outro lado do riacho. A mulher agradeceu e foi embora.

Os dois monges continuaram sua caminhada silenciosa, mas bem lá na frente o jovem não se aguentou e explodiu:

– Seu velho bobo! Por que você fez aquilo? Você não sabe que mulher não pode nos tocar? Aquela mimada não queria molhar o vestidinho...

E o jovem continuou gritando e insultando o velho. Finalmente, o sábio e velho monge respondeu:

– Há mais de uma hora eu deixei aquela moça lá atrás, e você ainda a está carregando nas costas.

Teimosia

Num pequeno rochedo no meio do Mar da China Oriental, uma ostra estava com sua concha completamente aberta, expondo o seu interior ao delicioso calor solar. A sensação de conforto fez com que a ostra não percebesse a aproximação rápida de uma garça faminta.

Assim que a garça enfiou seu bico no corpo da ostra, esta fechou sua concha velozmente, como uma rajada de vento. O bico do pássaro ficou entalado entre as garras do molusco.

Ninguém queria ceder, e assim começou uma estranha conversa:

– Se você não me soltar, sua vida correrá perigo – resmungou com dificuldade a garça. – Você ficará desidratada!

– E se não me soltar primeiro – retrucou a ostra –, você morrerá de fome.

As duas ficaram horas discutindo, sem nenhuma solução à vista.

No final da tarde, um simples pescador passou ao lado do rochedo e, ao ver aquela cena inusitada, começou a gargalhar. Sem ser notado pelos dois animais, o homem pegou a sua rede e capturou-os.

Depois de algumas horas, a ostra e garça estavam na mesa de uma modesta cozinha, e a discussão continuava:

– Abra sua concha, você vai morrer! – disse a garça.

– Tire seu bico primeiro – respondeu a ostra.

De repente, as duas sentiram o corpo coberto de um líquido escaldante. Olharam para cima e viram uma mulher com uma faca na mão e um sorriso perigoso no rosto. Mesmo assim, diante da morte certa, ninguém quis ceder.

O arqueiro

Na província de Sichuan morava um jovem apaixonado pela arte do arco e flecha, seu nome era Chang. Na mesma localidade do jovem, encontrava-se um dos grandes mestres dessa arte milenar, o professor Wei.

Quando completou 18 anos, Chang tomou coragem e foi bater à porta da casa do grande mestre Wei:

– Pois não, meu jovem? – disse o mestre, ao abrir a porta.

– Quero aprender tudo a respeito do arco e flecha – disse Chang, com certa timidez.

O mestre Wei fez Chang entrar na sua casa. O jovem reparou que não havia nenhuma referência ao arco e flecha na casa do professor, ele via somente móveis antigos e alguns sacos com arroz encostados na parede.

– Então você quer ser arqueiro? – perguntou repentinamente o mestre.

– Sim, é o que mais quero na vida.

O professor fez Chang sentar-se numa cadeira e disse:

– Primeira lição. Para saber disparar com perfeição sua flecha, é fundamental controlar seus olhos.

Chang estava entusiasmado com a fala do mestre. Com certeza, ele o levaria agora ao pátio e começaria o treinamento. Mas nada aconteceu.

– Mestre, como devo fazer para controlar meus olhos?

– Pensei que você não ia perguntar – disse o mestre, acariciando sua longa barba branca.

O mestre aproximou seu rosto ao do jovem e disse:

– Volte para casa e pratique a técnica de não piscar os olhos.

Chang esperou mais alguma palavra do mestre. Nada ouviu. Levantou-se, abriu a porta e foi para casa. Chegando lá, viu sua mãe costurando, sentou-se ao seu lado e fixou os olhos nas agulhas. Ficou assim por horas, piscando algumas vezes.

A mãe do jovem começou a ficar acostumada a ver o filho ao seu lado, olhando atentamente seu trabalho. Chang praticou por dois anos seguidos. Agora ele era capaz de ficar um dia todo sem piscar os olhos. Mesmo que batessem na cara dele, que levasse um susto, que ameaçassem perfurar seus globos oculares, ele não piscaria.

O jovem aprendiz bateu novamente na porta do mestre Wei, e o velho professor apareceu:

– Pois não, meu jovem?

– Já realizei a primeira lição, mestre.

Wei comprovou que as palavras do aluno eram verdadeiras:

– Você controla seus olhos, parabéns.

– Vamos agora praticar no seu pátio, não é? – disse o jovem.

– Ainda não – respondeu Wei. – Agora vem a segunda lição. Volte para casa e comece a fixar seu olhar nas coisas pequenas do mundo; quando você descobrir seus detalhes, volte aqui.

Chang retornou ao lar, pediu à mãe um fio de costura e com ele amarrou uma pulga e a pendurou na janela da sala. Por horas, o jovem ficava paralisado observando aquela minúscula criatura.

Nas primeiras semanas, Chang só conseguia enxergar uma pequena mancha negra balançando, mas, após alguns meses, a mancha foi crescendo e ganhando formas inacreditáveis. Depois de um ano, a pulga tinha o tamanho de um cachorro para os olhos do jovem, ele via todos os detalhes daquele animal provocador de picadas.

Estava na hora de voltar à casa do mestre. Assim que Chang saiu de seu lar, o mundo todo lhe parecia maior.

Detalhes nunca antes notados saltavam agora em direção aos seus olhos.

Ao chegar à casa do mestre Wei, Chang mostrou o que havia aprendido. O professor demonstrou muito contentamento.

— Podemos agora ir ao pátio para você me ensinar a segurar e disparar com um arco e flecha? — perguntou Chang.

O mestre finalmente concordou. Os dois foram ao pátio e passaram horas treinando as técnicas de tensionar o arco e disparar as flechas.

— Agora — disse o mestre —, a terceira lição: volte para casa e treine o disparo das flechas até você achar que está pronto.

O aprendiz voltou para casa e passou três anos treinando diariamente, oito horas por dia, sem descanso nem férias. Depois desse tempo todo, acreditou que estivesse pronto, voltou à casa de Wei e bateu à porta:

— Pelo sorriso no rosto, vejo que meu aluno quer me mostrar seu progresso — disse o envelhecido mestre.

Na frente da casa mesmo, Wei montou vários alvos e ordenou que Chang mostrasse sua técnica.

Chang deu mais de cem passos de distância dos alvos e começou a disparar flecha atrás de flecha. Era impressionante! O aprendiz agora parecia um mestre, não errava nenhum disparo, todos iam à pontuação máxima. A cena toda foi vista por transeuntes, que ficaram pasmos com tamanha habilidade. A fama do aprendiz correu cidade afora, até o próprio Imperador já fora avisado de tamanho prodígio.

Depois daquele dia, Chang viajou por toda a China, sempre praticando e ensinando novos arqueiros. Sua fama só crescia. Após anos circulando pelo país, consagrou-se como o melhor arqueiro do reino.

Já com certa idade, Chang resolveu agradecer ao velho mestre por tudo o que ele lhe havia ensinado. Voltou à província de Sichuan e, após visitar sua velha e doente mãe, bateu à porta da combalida casa do mestre Wei.

O velho professor tinha as costas encurvadas pela idade, sua barba quase tocava o chão, mas seu olhar era o mesmo de anos anteriores:

– Vejo que o tempo também chegou para você, meu aluno – disse Wei.

– O tempo é uma flecha que acerta sempre a pontuação máxima – respondeu sabiamente Chang. – Mas o tempo nunca vai deixar que eu esqueça tudo o que o senhor fez por mim. Todas as minhas conquistas devo aos seus ensinamentos.

O mestre olhou fixamente para Chang e disse algo que mudaria para sempre sua vida:

– O verdadeiro arqueiro é aquele que consegue acertar o alvo sem o seu arco e flecha.

O velho Wei tinha acertado o alvo, a vaidade de Chang. Dizem que o aprendiz voltou a morar com sua mãe e que nunca mais foi visto andando pelas ruas.

Alguns vizinhos contavam que ouviam barulhos estranhos saindo do pátio de Chang, como se alguém disparasse flechas em alvos imaginários. Antes de morrer, o aprendiz finalmente tornou-se mestre e deixou registradas as seguintes palavras: “O mestre do arco e flecha é aquele que sabe acertar o mais difícil dos alvos: sua própria vaidade”.

A sabedoria de Confúcio

O filósofo Confúcio nasceu no ano de 551 a.C., no estado feudal de Lu. Muitas histórias se contam a respeito desse homem, que influenciou como ninguém a vida dos chineses.

Numa linda tarde ensolarada, Confúcio caminhava com os alunos por uma montanha tomada pelas flores primaverais. Ele ensinava aos seus discípulos sobre a moral e ética humanas, entre tantas outras coisas:

– Alunos, a virtude está em amar os homens – disse o mestre, contemplando a natureza.

Um dos alunos levantou a mão e disse:

– Se você nos ama, dê-nos água. Estamos com sede.

Todos riram, menos Confúcio. Ele olhou seu discípulo e respondeu:

– Então, caro aluno, você pode descer a montanha e ir pegar água num rio que passa aqui embaixo. Estamos aguardando.

Novamente se ouviu uma risada geral. O aluno obedeceu ao mestre e, com a expressão contrariada, iniciou a descida da montanha.

Quando o jovem estava agachado na margem do rio, recolhendo água num pesado pote, sentiu um ronronar atrás do seu ouvido. Lentamente virou-se e, em pânico, viu uma imagem estupefacente: um tigre estava com as duas patas dianteiras levantadas, prestes a atacá-lo.

O aluno quase fez xixi nas calças de tanto medo, sua covardia invadia cada centímetro do seu ser. Sem pensar muito, o discípulo saltou para trás, agarrou o rabo do tigre e

começou a puxá-lo com força. Foram segundos de terror, até que finalmente o tigre foi embora, ficando na mão do jovem o rabo do animal.

Depois de uma hora, o aluno aproximou-se de Confúcio e seus alunos, trazendo com ele o pote cheio de água. O rabo do tigre estava escondido entre suas roupas. Todos mataram a sede, e então o discípulo perguntou ao mestre:

– Como os mais corajosos homens matam tigres?

A pergunta do discípulo fez seus colegas calarem-se. Os olhares estavam agora direcionados ao grande mestre, que respondeu:

– Os heróis, quando matam tigres, o fazem com as próprias mãos, atingindo a cabeça do animal. Os poucos corajosos o fazem arrancando as orelhas do animal.

– E os covardes? – perguntaram todos os discípulos ao mesmo tempo.

– Os covardes arrancam o rabo do tigre!

Novamente, ouviu-se uma risada geral. O aluno que fez a pergunta afastou-se do grupo, tirou o rabo do tigre de dentro da calça e o jogou fora. Ele estava furioso, com um ódio mortal do mestre. Com certeza, ele pensava, havia sido Confúcio que enviara o tigre para matá-lo. Tomado pela raiva, o aluno recolheu uma pesada pedra do chão, a pôs no bolso e foi em direção ao mestre. Estava decido, iria matá-lo. Ao se aproximar de Confúcio, enfiou a mão no bolso e perguntou:

– Como os mais corajosos homens matam outros homens?

Novamente a pergunta do discípulo ecoou entre seus colegas, um silêncio tomou conta do lugar, até que Confúcio começou a responder:

– Os heróis matam com o pincel e um papel. Os poucos corajosos o fazem com a língua.

– E os covardes? – perguntaram novamente todos os alunos juntos.

Confúcio se aproximou lentamente do aluno que havia feito a pergunta, olhou profundamente para seus olhos e disse:

— Os covardes o fazem com uma pedra no bolso.

Ao ouvir essas palavras, o aluno desabou ao chão e aos prantos pediu perdão ao mestre. Confúcio o perdoou. Dizem que esse aluno tornou-se um dos mais fiéis e cultos seguidores do seu mestre. E quando o filósofo chinês, com 72 anos, estava à beira da morte, foi o aluno que havia arrancado o rabo do tigre que ouviu suas últimas palavras:

*A grande montanha deverá esfarelar-se,
A viga forte, romper-se,
O homem sábio deverá secar como uma planta.*





O susto da morte

Um famoso imperador da dinastia Ming habitava o suntuoso palácio imperial, em Pequim. A morada do soberano chinês era chamada pelo povo de CIDADE PROIBIDA, isso porque apenas pessoas ligadas ao imperador podiam entrar nas suas muralhas. Dizem que essa obra arquitetônica magistral levou mais de quatorze anos para ser concluída e teve a mão de mais de um milhão de operários.

Certa manhã, o imperador contemplava serenamente seu belo jardim, quando de repente apareceu um jovem nobre, jogou-se aos seus pés e disse:

– Imperador do céu e da terra! Por favor, conceda-me o uso do seu mais veloz cavalo!

O soberano conhecia aquele jovem, até o estimava. Curioso com aquele pedido intempestivo, perguntou:

– O que faz com que um nobre se ajoelhe tão estranhamente aos pés do imperador?

O jovem, com rosto pálido e viscoso de suor, começou a contar o que havia ocorrido:

– Senhor do mundo, algo terrível me aconteceu. Estava num dos belos pátios do palácio imperial, observava a natureza e refletia sobre minha vida. De repente, ouvi uma respiração pesada atrás da minha nuca. Quando me virei, lá estava ela. – Nessa hora, o jovem fez uma expressão de horror e medo ao mesmo tempo.

– Quem? Diga logo, homem! Quem é ela? – perguntou, ansioso, o imperador.

– Imperador, a morte! Era ela que estava me encarando!

– E o que você fez?

– Ela me olhou com uma cara estranha, fez um tipo de careta para mim. Naquele instante eu soube que a morte estava ali para me levar embora. Entende agora por que preciso de um cavalo veloz? Preciso fugir daqui!

O imperador estava estupefato com o relato do nobre. Como a morte se atrevia a ameaçar um homem dentro da CIDADE PROIBIDA? Tomado pela raiva e pela compaixão, o imperador disse:

– Corra para o estábulo real e monte no meu próprio cavalo, o mais veloz de toda a China. E para onde o senhor vai?

– Minha família é de Xangai, eles são muito ricos e me ajudarão. Eu nunca poderei retribuir o que Vossa Majestade está fazendo por mim.

– Chega de palavras! Fuja, meu rapaz! – disse o imperador, satisfeito em afrontar a morte.

O jovem saiu como um raio em direção ao estábulo real, montou no cavalo mais rápido da China e disparou em direção a Xangai.

O imperador começou a andar por entre os pátios do seu palácio. Estava pensativo com toda aquela história. E não é que num dos pátios, sentada num simples banco de madeira, estava a senhora morte?

O soberano a fitou por alguns instantes, ela parecia meio confusa, olhava para o céu, depois para o horizonte, mexia a cabeça negativamente. O senhor da China estufou o peito e resolveu tomar satisfação com aquela velha senhora:

– Com licença, velha senhora.

A morte olhou para o imperador, levantou-se e fez uma reverência.

– Pois não, imperador.

Ele estava feliz com o respeito que a própria dona morte tinha com ele.

– Por que você está circulando pela CIDADE PROIBIDA? E ainda por cima ameaçando levar embora meus nobres? – perguntou o imperador, em tom contundente.

– Não sei do que o senhor está falando – respondeu a morte.

– Como não! Há pouco a senhora se deparou, num dos pátios do palácio, com um jovem nobre e o ameaçou.

– É verdade, há pouco encontrei esse tal jovem, mas não o ameacei. Ao contrário, quando o vi, fiquei perturbada.

– Por quê? – perguntou o agora curioso imperador.

– Eu estava de passagem pelo seu palácio e, quando vi o jovem, fiquei confusa, já que ele estava marcado para morrer em Xangai, dali a pouquíssimos dias. Mas nós sabemos, imperador, que Xangai fica a mil quilômetros daqui, e só com o cavalo mais veloz da China é que o tal nobre chegaria na data marcada para sua morte. Por isso, estava eu aqui pensando como o destino daquele jovem se cumpriria.

O imperador empalideceu, suas costas encurvaram-se e parecia que havia envelhecido dez anos em dez segundos. O soberano contou à morte o que havia ocorrido minutos antes.

– É evidente! Não pode haver falhas! O destino é algo de que ninguém pode fugir – disse a morte, afastando-se e desaparecendo por completo dos olhos do abatido imperador.

Dizem que o imperador viveu ainda por mais alguns anos, sempre lembrando que da morte ninguém podia fugir. Tal constatação fez o soberano aproveitar melhor os últimos anos de sua vida, com muita sabedoria e generosidade.

O encontro de Confúcio com Lao-Tsé

O filósofo Confúcio ficou conhecido rapidamente por toda a China. Sua sabedoria prática encantava multidões. Certa manhã, seu mais fiel discípulo, aquele que havia arrancado o rabo do tigre, disse:

– Mestre, existe um filósofo muito sábio que o senhor tem de conhecer.

– Você se refere a Lao-Tsé?

– É ele mesmo, como o senhor sabia?

Confúcio abriu um sorriso.

– É claro, mestre. Se o senhor sabia da pedra no meu bolso, como não saber de Lao-Tsé, aquele que todos veneram, assim como ao senhor.

– Eu queria mesmo conhecer o filósofo do taoísmo.

– O que é taoísmo? – perguntou o discípulo.

– Tao significa “o Caminho”. Lao-Tsé acredita no caminho da natureza para atingirmos o equilíbrio mental e físico.

Depois de ouvir as palavras de Confúcio sobre um homem que jamais havia visto, o aluno perguntou:

– Vamos visitá-lo, mestre?

– Dizem que ele gosta muito de ficar sozinho, isolado. Mesmo assim, vamos encontrá-lo – disse Confúcio.

A jornada foi vagarosa e serena, até que finalmente Confúcio estava na frente do venerável Lao-Tsé. Dizem alguns que os dois passaram 24 horas conversando sem parar, e Lao-Tsé teria compreendido Confúcio por seu orgulho e ambição. Já Confúcio teria ficado impressionado com a figura e a

sabedoria de Lao-Tsé, comparando-o a um dragão ascendendo aos céus, pairando suavemente entre as nuvens.

Na volta para casa, o aluno, que não havia presenciado o encontro dos dois grandes filósofos, queria saber de Confúcio sobre a inteligência de Lao-Tsé. O mestre então repetiu uma das histórias que ouviu da boca de Lao-Tsé:

– Um simples camponês ouvira falar que o imperador possuía uma poção mágica, e aquele que a bebesse se tornaria imortal. Como o simples homem trabalhava no palácio real, resolveu roubá-la. O ladrão foi descoberto rapidamente pela guarda real e levado diante do imperador. O soberano queria executá-lo com as próprias mãos. Antes de morrer, o camponês pediu a palavra e o imperador a concedeu. O homem disse que, se a poção fosse verdadeira, de nada adiantaria executá-lo; por outro lado, se ela fosse falsa, ele não havia cometido crime algum. O soberano ficou impressionado com a sabedoria do camponês e o nomeou seu conselheiro.

O aluno de Confúcio adorou a história. Mestre e aluno foram a viagem inteira conversando e refletindo sobre vida, morte, natureza, universo... E Lao-Tsé? Dizem algumas lendas que o filósofo tentou sair da China para levar seu conhecimento ao Ocidente, mas, chegando à passagem de Hsien-Ku, um soldado, fã do taoísmo, o barrou, dizendo que, antes de ir embora, o mestre teria de terminar de escrever o *Tao Te Ching*, o livro dos ensinamentos sobre o *Tao*. Depois de terminar o livro, Lao-Tsé, com duzentos anos, teria conseguido finalmente sair da China em direção ao Ocidente.

3ª PARADA:

BRASIL

*O conto popular [...] para todos nós é o primeiro leite intelectual.
Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos,
os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão,
vêm com as histórias fabulosas ouvidas na infância.*

Câmara Cascudo



Sabido, sabidão!

Era uma vez um pobre agricultor que, cansado de tanta pobreza, decidiu largar a enxada e pôr o pé na estrada. Todos sempre lhe haviam dito que era uma pessoa sabida; então, resolveu pendurar um cartaz no próprio corpo com os dizeres: **SABIDO, SABIDÃO, CONHECE TODO O MUNDÃO!**

Não demorou muito e um rei muito rico chamou o sabidão para uma conversa:

– Meu castelo tem mais ladrões do que baratas! Quero que você os descubra!

– Como diz meu cartaz, sou sabido, sabidão! Pode deixar, Majestade.

O rei foi com a cara do agricultor, mas disse:

– Vou hospedá-lo no meu castelo durante uma semana; caso você não descubra nada, eu mesmo cortarei seu pescoço.

A imagem da lâmina real transpassando sua garganta causou um rebuliço em seu intestino. Porém, a tranquilidade voltou quando viu o quarto no qual dormiria, as roupas que usaria e o banquete que comeria.

– Se for para morrer, que morra com cama, roupa e comida de rei – pensou o agricultor.

Depois de um bom banho, roupas novas no corpo, o agricultor foi jantar com o rei. Uma mesa de cinco metros estava no meio da sala principal, em cima pousavam as mais saborosas e apetitosas iguarias do mundo.

O agricultor comeu como nunca na vida, e, antes de se retirar do recinto, viu um empregado se aproximando para lhe puxar a cadeira. O sabidão, então, pensou em voz alta:

– Um já foi!

O empregado quase enfartou ao ouvir aquilo: como esse infeliz camponês adivinhou que ele era um dos ladrões da despensa do rei? Sem dizer nada, o criado entrou para a cozinha. O que o empregado não sabia era que o agricultor se referira ao primeiro dia que já se fora, e restavam agora seis dias antes de enfrentar a fúria real.

No dia seguinte, o sabidão não descobriu nada, aproveitou para passear, comer, descansar, comer, ouvir música, comer, cavalgar, e comer novamente. À noite, um novo banquete foi servido, o rei à mesa. O agricultor não fez desfeita, comeu como se aquele fosse seu último dia de vida. No final da comilança, um outro empregado estava prestes a puxar-lhe a cadeira, quando novamente pensou em voz alta:

– Dois já foram!

O criado caiu no chão e começou a chorar:

– Majestade, por favor, não nos mate! Eu conto tudo!

O rei não compreendeu nada, mas ficou curioso:

– Desembucha logo!

– Ontem, seu convidado sabidão reconheceu o outro criado como um dos ladrões de sua despensa. Ele fugiu para bem longe daqui. Eu pensei que escaparia das garras desse bruxo, mas ele acabou de me reconhecer. Confesso tudo, Majestade!

O rei olhava com admiração para o sabidão, e este, por sua vez, não acreditava na sorte que tivera e na burrice desses ladrões. Eles tiveram o que mereceram, o fujão foi preso e o que confessou foi demitido.

Agora, além do luxo e conforto, o agricultor aproveitava a sensação de alívio de não perder seu amado pescocinho. Ao final dos sete dias, o rei abraçou o sabidão, deu-lhe um saco com dinheiro e um lindo cavalo alazão. Parece que a história termina por aqui, mas olhem só o que aconteceu.

Voltando para sua terrinha, numa pequena estrada poeirenta, o agricultor escuta dois soldados reais gritando para ele parar.

– Sabido, sabidão! O rei pede sua presença urgente no castelo! – disseram em coro os soldados.

Após alguns minutos, lá estava o agricultor na frente do rei:

– Minha coroa foi roubada! – gritou o rei. – Quero que você descubra quem foi! E desta vez não quero esperar sete dias! Você tem sete minutos para isso!

– Só sete minutos? Isso é im-po-po-ssível, Majestade! – gaguejava de nervoso o agricultor.

– Agora você tem seis minutos e trinta segundos! A minha espada está com saudade de beijar uma garganta – disparou o rei.

O sabidão então lembrou a maneira pela qual seu falecido pai conseguia descobrir qual das crianças da vizinhança roubava suas goiabas.

– Quero todos os criados do castelo na sala! Quero uma toalha branca! E quero ir até o galinheiro escolher um galo!

O rei ficou surpreso com os pedidos, mas ordenou que todos os empregados imediatamente fossem chamados. Solicitou uma toalha branca e mandou que levassem o sabidão até o galinheiro. Ele entrou sozinho no galinheiro e saiu de lá com um galo coberto pela toalha branca.

– Faltam quatro minutos e vinte segundos! – disse o rei.

Assim que todos os criados estavam em fila, o agricultor disse em voz alta:

– Embaixo desta toalha tenho um galo sabidão. Todos têm que passar a mão nas suas costas, e aquele que roubou a coroa, o galo denunciará com seu canto.

Os empregados suavam em bicas, suas mãos tremiam. Antes que cada criado passasse a mão por baixo da toalha, o sabidão cantava:

– Sabido, sabidão! Ache o ladrão!

Todos passaram a mão nas costas do galo, e ele não cantou uma única vez. O rei olhou para o sabidão, puxou sua espada e disse:

– Dez, nove, oito, sete, seis...

– Calma, Majestade. Ainda não terminei – disse, tranquilo, o agricultor.

– Quero que todos os criados mostrem as palmas das mãos para mim.

Os criados olharam para o rei, e ele com a cabeça concordou com o pedido do sabidão.

A maioria dos empregados estava com as mãos sujas de fuligem, apenas dois tinham suas mãos limpas.

– Estes dois de mãos limpas são os ladrões de sua coroa! – gritou o sabidão.

– Tem certeza? – perguntou o rei.

– Absoluta! Pode procurar nas coisas deles.

O rei mandou soldados procurarem no quarto dos criados e lá eles encontraram a coroa real.

– Como foi que você descobriu? – perguntou o rei.

– Fácil. Antes de esconder o galo por baixo da toalha, sujei suas costas com fuligem. Os ladrões não quiseram arriscar e fingiram que passaram a mão no animal.

O rei deu um forte abraço no sabidão, mandou que lhe dessem mais dinheiro e disse em voz alta:

– Se alguém voltar a roubar no meu castelo, o sabidão vai achar o ladrão.

No castelo nunca mais ninguém se atreveu a roubar o rei, já que todos temiam o SABIDO, SABIDÃO, AQUELE QUE CONHECE TODO O MUNDÃO!

E o agora rico agricultor voltou para seu vilarejo, construiu uma linda casa, casou-se, teve filhos e levou uma vida digna de rei.



Um padrinho muito estranho

Um homem pobre do sertão pernambucano não sabia mais quem convidar para ser padrinho de seu décimo primeiro filho. Aquilo encafifava o pai desse mundaréu de rebentos.

– Meu filho não pode ficar sem padrinho, isso dá má sorte – resmungava o homem por toda parte.

Preocupado com tal situação, o homem capinava a grama ao redor de sua simples casa, quando um homem de terno, óculos e chapéu escuros, montado num jegue reluzente, se aproximou e disse:

– Você me parece preocupado com alguma coisa.

– Sim, é verdade. Não encontro um padrinho para meu décimo primeiro filho.

– Seu problema está resolvido! Serei o padrinho do seu filho!

O simples homem olhou aquele forasteiro e, sem refletir muito, concordou. O misterioso padrinho abriu seu alforje, tirou um saco com moedas de ouro e disse:

– Tome, isso irá ajudá-lo. Todo ano voltarei para ver meu afilhado.

O homem não podia acreditar naquela sorte. O ouro fez a vida de toda a família melhorar. Como havia prometido, o misterioso padrinho todo ano voltava para ver seu afilhado e na ocasião sempre deixava um saco com mais moedas de ouro.

Depois de quinze anos, o misterioso padrinho apareceu na mesma época de sempre, mas agora ele não trazia mais saco com moedas de ouro. Ele se aproximou do seu jovem afilhado, olhou para seu pai e disse:

– Está na hora de levar meu afilhado para meu castelo. Lá, vou educá-lo.

– Mas ele está tão bem aqui, somos ricos e podemos educá-lo aqui mesmo – respondeu o pai.

O misterioso padrinho aproximou seu rosto ao do pai, tirou os óculos escuros e disse:

– Você não vai fazer uma desfeita dessas para uma pessoa que ajudou tanto sua família, não é?

O coração do pai de repente disparou, todos os pelos do seu corpo estavam eriçados, um cheiro forte de enxofre invadia o ambiente inteiro. Sem quase poder falar, respondeu:

– Pode levá-lo.

O filho não resistiu nem protestou. Subiu na sela do jégue do padrinho e foi embora.

Depois de um dia inteiro de viagem, os dois chegaram a um suntuoso castelo. O misterioso padrinho mostrou o quarto do afilhado e disse:

– Eu viajo muito, você ficará para sempre no meu castelo, será meu criado. Para não dizer que não vou educá-lo, você pode mexer na minha biblioteca, mas duvido muito que você saiba ler.

O jovem era muito inteligente e havia aprendido a ler depois que o pai ficara rico.

Ele começou a devorar a biblioteca do padrinho, e lá descobriu a verdadeira identidade daquele misterioso homem. Ele era um poderoso mago do mal, que tinha sido expulso da convivência com os magos do bem por fazer tantas maldades mundo afora.

Quando o mago voltava para o castelo, o jovem fingia-se de burro, arrumava, limpava, passava e nada dizia. Mas era só o mago sair que ele mergulhava nos livros de magia e bruxaria.

Após muito tempo de leitura, o jovem começou a praticar seus conhecimentos. Ele desenvolveu poderes extraordinários e estava na hora de colocá-los em prática.

Numa manhã ensolarada, o jovem decidiu fugir e voltar para sua casa. Assim que lá chegou, abraçou a família e disse ao pai:

– O meu padrinho é um poderoso mago do mal. Precisamos derrotá-lo.

– Eu sabia que havia algo de estranho naquele homem, mas como podemos derrotar um ser tão poderoso?

– Eu vou me transformar num belo cavalo, você pode me vender por um dinheirão, mas não se esqueça de me entregar sem o freio, senão nunca mais voltarei a ser o que era antes.

O pai nem discutiu com o filho, apenas obedeceu. Assim que o jovem se transformou num cavalo, o pai colocou a sela, o freio e foi à cidade.

O mago, que já tinha passado pelo castelo, estava espumando de raiva: como aquele frangote teve coragem de fugir? Ele estava a caminho da casa do jovem quando deu de frente com o pai montado naquele belo animal.

– Bom dia, meu bom homem – disse o mago. – Que belo animal! Você o venderia para mim por dez sacos de moedas de ouro?

Como o dinheiro enlouquece as pessoas! O pai simplesmente esqueceu de tudo, desmontou, pegou os sacos e foi embora. O mago reconheceu as artimanhas do jovem:

– Quer dizer que você não é tão burro assim? Ficou lendo minha biblioteca, não é?

Mal acabou de falar, o mago montou no cavalo e passou dois dias cavalgando sem parar, seu chicote funcionava a todo vapor. O jovem nada podia fazer, o freio impedia seu desencantamento. Mas ainda bem que magos também têm fome e sede.

Depois de dois dias terríveis, ele decidiu descansar numa pousada. Pediu para um criado do lugar levar o cavalo para o rio e dar-lhe uma gotinha de nada de água:

– Sem tirar o freio! – exigiu o mago.

O criado obedeceu imediatamente. No rio, o cavalo não abaixava a cabeça de jeito nenhum.

– Vou tirar o freio desse pobre animal – pensou o criado.

Nesse instante, o desconfiado mago estava bem atrás do criado, e, assim que o cavalo ficou sem o freio, o jovem voltou à sua forma original, aproximou-se do rio e gritou:

– Aba, aba, aba! Quero ser uma piaba!

E lá estava uma piaba mergulhando no rio. Acontece que o mago não deixou barato e gritou:

– Ira, ira, ira! Quero ser uma traíra!

E lá estava uma traíra mergulhando no rio, nadando atrás de uma piaba. Assim que o jovem sentiu sua cauda sendo mordiscada pela traíra, pegou um impulso e saltou para fora da água gritando:

– Inha, inha, inha! Quero ser uma rolinha!

E lá estava uma rolinha voando nos ares. Mas o mago não ia largar o osso, ele também pegou impulso, saltou para fora da água e gritou:

– ão, ão, ão! Quero ser um gavião!

E lá estava um gavião perseguindo a pequena rolinha. Quando o jovem sentiu uma bicada numa das asas, deu um rasante, pousou no parapeito da janela de uma linda princesa e rapidamente gritou:

– El, el, el! Quero ser um anel!

E lá estava ele na mão da princesa. Por sorte, a princesa ficou assustada com tal fenômeno, fechou a janela e foi se sentar numa cadeira. O mago quase perdeu a cabeça de gavião na janela fechada.

A princesa olhou o anel com atenção, quando, de repente, ele começa a falar:

– Preste atenção! Daqui a pouco baterá na porta do castelo um homem querendo comprar-me. Diga ao rei que me venda

bem caro, mas, em vez de passar o anel ao comprador, você tem que me jogar ao chão com muita força.

Antes mesmo de a princesa perguntar sobre aquela loucura toda, alguém bateu à porta do castelo. Ela saiu correndo, cochichou rapidamente no ouvido do pai, que fez cara de espanto, e abriram a porta.

Como o jovem havia dito, o homem ofereceu uma fortuna pelo anel. O rei aceitou, o mago pagou, mas, assim que a princesa tirou o anel do dedo, atirou-o ao chão, e o jovem gritou:

– Ilho, ilho, ilho! Quero ser cinco grãos de milho!

O mago ficou furioso e gritou:

– Alo, alo, alo! Quero ser um galo!

O galo se atirou com voracidade em cima dos grãos de milho. A princesa, que havia simpatizado com o anel, resolveu ajudar e escondeu um dos grãos embaixo do seu sapato. E, antes de o mago comer o quarto grão de milho, o jovem gritou com dificuldade embaixo do sapato da princesa:

– Osa, osa, osa! Quero ser uma raposa!

A princesa levou um tombo com o aparecimento da raposa embaixo do seu sapato. O animal voou para cima do galo, devorou-o e gritou:

– Em, em, em! Quero ser um homem!

O jovem, de barriga cheia, sentou numa poltrona, suspirou e contou toda sua história para a princesa. É claro que eles se apaixonaram, se casaram, tiveram muitos filhos e viveram felizes para sempre.

Quem é o dono do ovo?

Houve uma época em que a dona onça morava sob o mesmo teto da dona raposa. As duas se davam muito bem, sem brigas nem reclamações. A dona onça criava um galo, já a dona raposa criava uma galinha.

Sempre que as duas comadres saíam, o galo e a galinha eram deixados dentro de um cesto fechado.

Num final de tarde, como sempre, as duas comadres chegaram de seu passeio, abriram o cesto e...

– Olha! Olha! – gritou a raposa.

Dentro do cesto havia um ovo branco reluzente.

– É meu! É meu! – gritou a onça.

– Imagina só, esse ovo foi a galinha que pôs, portanto ele é meu! – retrucou a raposa.

– Galinha que nada! Esse ovo pertence ao meu galo! – esbravejou a onça, arreganhando os dentes.

A discussão se alongou por horas. Então, a onça pegou o ovo e decidiu que os outros animais da floresta julgariam o caso.

O primeiro animal que encontraram foi um veado-campeiro. A onça se aproximou, mostrou seus afiados dentes e perguntou:

– Meu amigo apetitoso, encontramos esse ovo dentro de um cesto. Lá estavam meu galo e a galinha da dona raposa, a quem pertence o ovo?

O coitado do veado-campeiro não parava de tremer. Olhou para a onça e disse:

– É claro que é do galo.

A onça não teve nem tempo de agradecer, o animal partiu como um raio.

– Está vendo, comadre! 1×0 para mim! – disse orgulhosa a onça.

– Olha lá uma paca – disse a raposa.

A onça deteve a paca, aproximou-se e, antes de perguntar, passou a língua pelo rosto do pequeno animal.

– É claro que o ovo é do galo! – respondeu, ligeira, a paca.

A onça não se continha de felicidade.

– $2 \times 0!$ Satisfeita, comadre?

A raposa queria ouvir mais animais. A onça falou com o tamanduá-bandeira, tatu-canastra, anta, cutia, quati, queixada, e todos, com pavor da onça, respondiam que o ovo era do galo.

Mas, antes de desistir, a dona raposa olhou para o galho de uma árvore e viu um macaco-prego-de-peito-amarelo:

– Senhor macaco, você é minha última esperança.

– Diga o que você quer, dona raposa – disse o macaco.

O macaco ouviu toda a história. Lá embaixo, a onça abria sua bocarra e mostrava seus dentes.

– Bonitos dentes, dona onça. Mas acho que você devia escová-los direito, estou sentindo um mau hálito capaz de derubar uma vespa no ar.

A onça ficou furiosa, mas não podia fazer nada, o macaco estava muito longe dela.

– Dona raposa, ouvi toda a história. Preciso sair correndo, me esperem aqui que já volto.

As comadres esperaram, esperaram, esperaram... Finalmente, o macaco apareceu, esbaforido.

– O que foi, macaquinho? – perguntou a raposa.

– Vocês nem sabem! Tive que sair correndo para procurar uma parteira, meu pai estava dando à luz o meu irmãozinho!

Ao ouvir aquilo, a onça começou a rolar no chão e dar muitas gargalhadas. Depois, recuperou o fôlego e disse:

– Nunca ouvi tamanha besteira! Onde já se viu homem dando à luz!

– Já dei minha resposta, dona raposa. Adeus!

O macaco-prego-de-peito-amarelo saltou para um galho e desapareceu na densa floresta.

A onça passou o ovo para a comadre, e as duas voltaram quietas e pensativas para casa.



MODERNA

A história que é toda feita de puns

Era uma vez um jovem rapaz, muito cobiçado por sua beleza e elegância. Na cidade em que morava, era convidado todo final de semana à casa do prefeito e lá encontrava as três filhas solteiras do político.

Num desses finais de semana, o jovem recitava um poema no meio da sala, todos os olhares pousados na sua atuação, quando... PUM! Ele soltou um malcheiroso peido.

Um silêncio constrangedor se fez na sala, o jovem olhou para o cachorro da casa, pensou em pôr a culpa nele, mas, pensando bem, não havia como fugir daquele embaraço. O silêncio foi quebrado com as gargalhadas do prefeito, da primeira-dama, das filhas, dos empregados e até do cachorro, que latia sem parar.

O jovem deixou a casa de cabeça baixa, humilhado e envergonhado. No meio do caminho, uma misteriosa velha parou o jovem e perguntou:

– O que foi, meu netinho? Por que tamanha tristeza?

O jovem sentiu a necessidade de se abrir com alguém, erigueu a cabeça e respondeu:

– Acabei de peidar na frente do prefeito, da primeira-dama e de suas filhas. Nunca me senti tão humilhado na vida.

– Sabia que todos nós peidamos mais de dez vezes por dia? – disse a velha, com ar de sabedoria.

– Até a Margarida, a filha mais moça do prefeito?

– Sim, até a rainha de Sabá soltava flatulências – disse a velha.

– Mas saber disso não aliviou meu sentimento de vergonha – resmungou o jovem.

– Você quer se vingar deles?

– Sim – disse, convicto, o jovem.

A velha pediu para ele esperar um pouco, depois voltou com um embrulho na mão e disse:

– Dentro desse embrulho há um pó mágico. Ponha-o no batente da porta da casa do prefeito. Não deixe que ninguém o veja fazendo isso.

– O que vai acontecer? – perguntou o jovem, curioso.

– Fique escondido, observe e divirta-se. Adeus, meu netinho.

O jovem não conseguiu nem perguntar o nome daquela misteriosa senhora, ela já havia desaparecido como por um passe de mágica. Ele, então, foi até a casa do prefeito, deixou o embrulho no batente da porta e se escondeu atrás de uma árvore.

Logo em seguida, uma criada que voltava do galinheiro abriu a porta da casa; assim que entrou, começou a soltar puns tão altos e fedorentos que fizeram com que a primeira-dama largasse sua jardinagem e fosse correndo para casa:

– O que está acontecendo, Maria? – gritou a primeira-dama.

– Não sei, patroa... PUM! É muito estranho... PUM! Não consigo parar de soltar... PUM!

– Você deve ter comido algo podre... PUM!

A primeira-dama não conseguiu nem mais falar, começou a soltar um montão de puns. As duas mulheres começaram a gritar, outros criados entraram na casa para ver o que estava havendo. E todo aquele que entrava pela porta começava a soltar gases sem parar.

O local parecia um pandemônio, eram explosões e mais explosões, um cheiro insuportável. O prefeito e as filhas foram avisados, e assim que eles entraram na casa: PUM! PUM! PUM!

– Chame um... PUM!... padre! A casa está... PUM!... Amaldiçoada! – gritava o prefeito.

O padre foi chamado, mas assim que entrou: PUM! PUM! PUM! PUM!

A cidade inteira foi ver o ocorrido, as gargalhadas eram tão altas quanto o barulho dos traques. Até o cachorro do prefeito não parava de soltar puns. O jovem, satisfeito, aproximou-se do batente da porta, pegou o embrulho e o jogou no lixo. No mesmo instante a casa ficou silenciosa, o cheiro permanecia insuportável, mas logo ventilaram o ambiente, o povo perdeu o interesse e foi embora.

O jovem entrou na casa com um sorriso no rosto, contou o que tinha feito e aproveitou para pedir a mão de Margarida em casamento.

– Sabem que todos nós soltamos mais de dez puns por dia?
– disse o jovem.

Todos riram, inclusive o cachorro, e um lindo casamento foi realizado no mês seguinte. Alguns contam que, na hora do sim, Margarida soltou um pequenino punzinho, que não interferiu em nada em sua felicidade.



A esperteza do quati

Uma onça muito preguiçosa tinha um pequeno pedaço de terra malcuidada. Certa manhã, bem cedinho, decidiu que alguém teria de roçar sua propriedade. Chamou bem alto todos os animais que moravam ali perto e disse:

– Aquele que conseguir limpar minha terra sem se coçar uma única vez ganhará uma vaca suculenta!

Os animais ficaram em polvorosa, todos queriam ganhar a vaca. O primeiro candidato a pegar na enxada foi o tuiuíú. Ele segurou a ferramenta com seu longo bico e começou a trabalhar.

Dali a pouquinho, a ave olhou para os lados, largou a enxada e começou a coçar-se toda com o bico. A onça saltou de trás de uma bananeira e gritou:

– Eu vi! Eu vi!

O tuiuíú quase morreu de susto, levantou voo e se mandou.

– Próximo! – gritou a onça.

Apareceu uma ariranha toda serelepe e disse:

– Passa a enxada pra cá!

Quando alguém proíbe você de fazer alguma coisa, o que dá mais vontade é de fazer! Não deu outra. A simpática ariranha segurou o quanto pôde, mas, sem ninguém ao seu redor, largou a enxada e se coçou até não poder mais.

De repente, de trás de uma moita, saltou a onça gritando:

– Eu vi! Eu vi!

A pequena criatura quase enfartou e saiu ligeira rumo a rio.

– Próximo! – gritou a onça.

Um macaco-prego se apresentou, pegou na enxada e trabalhou duro, mas, assim como os outros, não aguentou e se coçou pra valer.

— Eu vi! Eu vi! — gritou a onça, que tinha saltado de trás de uma goiabeira.

— Próximo! — gritou a onça.

Um pequeno quati ergueu suas patas, pegou a enxada e começou a labuta. A onça segurou o riso, aquele animal não aguentaria por muito tempo.

O tempo foi passando, passando e passando, e nada de o quati se coçar. A onça, cansada, chamou seu filho e disse:

— Vou entrar em casa para tirar um cochilo, fique de olho nesse quati. Caso ele se coce, você corre para me acordar!

O filho da onça, que era meio boboca, se aproximou do quati. O pequeno animal trabalhava bem que só vendo, mas a vontade de se coçar era imensa.

— Você é filho da grande onça? — disse o quati, pousando a enxada no chão.

— Sim.

— Você sabe que seu pai prometeu uma vaca para aquele que roçar a terra sem se coçar?

— Sim.

— E a vaca que seu pai vai me dar, ela é toda malhada?

— Sim.

— As manchas da vaca são aqui, aqui, aqui e aqui? — perguntou o quati, enfiado as unhas no seu corpo e se coçando deliciosamente.

— Isso mesmo! — disse a boba da oncinha.

— E os chifres são aqui, aqui e aqui? — continuou o quati, agora coçando a cabeça inteira.

— Isso mesmo! Você é muito sabido — disse a oncinha.

O quati tinha se coçado bastante, voltou a trabalhar e parou quando terminou o serviço.

– Pode chamar seu pai – pediu o quati.

A onça foi acordada e não acreditou quando viu a terra toda roçada.

– Filho, ele não se coçou nenhuma vez?

– Não, nenhuma, pai – respondeu a boboca da oncinha.

Contrariada, a onça foi pegar a vaca, entregou ao quati e disse:

– A vaca é sua, mas você pode me dar um pedacinho dela?

O quati olhou para a cara da onça, ela salivava ao olhá-la, pensou bem e respondeu:

– Pode se servir.

A onça não foi modesta, devorou a vaca inteira e ainda por cima agradeceu a gentileza do quati.

Mas o pequeno quati não ia deixar barato. Na hora não falou nada, apenas se despediu e no dia seguinte apareceu com um facão na mão.

– O que você quer, meu amigo quati? Quer mais uma vaca?

– disse a onça, maliciosamente.

O quati não respondeu e começou a cortar alguns cipós de árvores próximas.

– Pai, o que ele está fazendo? – perguntou a oncinha, que havia aparecido naquele instante.

– Não faço ideia! Vou perguntar – disse a onça. – Meu amigão quati, o que oras bolas você está fazendo?

– Vocês não estão sabendo? A floresta inteira já sabe!

As onças fizeram cara de preocupação.

– O que foi, quati, fala logo – pediu a onça.

– O senhor vento avisou que daqui a pouco soprará um vento tão forte que o mundo inteiro vai voar pelos ares.

A oncinha encostou-se ao pai. As duas estavam bem preocupadas.

– Mas por que você está cortando esses cipós? – perguntou a onçona.

– Eu vou me amarrar numa grossa árvore, assim o senhor vento não poderá me levar embora.

As duas onças deram um sorriso.

– Por favor, amarre-nos primeiro!

O quati se fez de difícil, disse que não havia tempo para isso, que o fim do mundo se aproximava e tal. As duas onças começaram a chorar e a implorar para serem amarradas.

– Está bem, está bem. Mas só porque vocês são minhas amigas, não é? – disse o quati, segurando o riso.

– Você é maravilhoso, senhor quati. Vamos, vamos, nos amarre logo – disse a onça.

O quati amarrou pai e filho num grosso tronco de árvore, entrou na casa das onças, remexeu em tudo e saiu com uma cesta repleta de comida.

As onças observavam tudo, sem compreender muito bem o que estava havendo. O quati, então, sentou-se na frente dos dois e começou a comer.

– O que você está fazendo, amigo quati? – perguntou a onça.

– Estou comendo toda a sua comida, amiga onça.

– E o fim do mundo? – perguntou a oncinha.

– Para vocês, realmente o fim do mundo está próximo – riu o quati.

A onça finalmente entendeu o que estava ocorrendo, tentou desvencilhar-se dos cipós, mas não conseguiu. O quati comeu até se fartar, levantou-se e disse:

– É isso, barriga cheia! Adeus, meus amigos!

O que aconteceu com as onças presas nos cipós? Ninguém sabe. O que sabemos é que os filhos, netos, bisnetos e tataranetos do quati têm de tomar muito cuidado com as onças, já que essa história se espalhou por todos os cantos do Centro-Oeste brasileiro.

A galinha Frankenstein

Numa pequena cidade do sertão brasileiro, uma mãe muito doente deixou como herança para suas filhas uma pintinha. Assim que a mãe morreu, as duas irmãs começaram a criá-la com milho de qualidade. Depois de um tempo, a pintinha se transformou numa galinha exuberante.

— Que linda ela está! — dizia uma das irmãs. — Vamos matá-la e comê-la!

— Não, de jeito nenhum — respondia a outra.

Acontece que a irmã que queria fazer um belo ensopado de galinha não parava de insistir:

— Vamos matá-la e comê-la!

A outra não aguentava mais tanta aporrinhção, pegou a galinha, uma faca e disse:

— Vou cortá-la ao meio. Você faça o que quiser do seu pedaço!

A galinha foi cortada ao meio e metade foi entregue à irmã gulosa. A outra metade, que ainda estava viva, foi rapidamente costurada e remendada. Dali a pouco, a galinha estava com metade do corpo feita de couro e retalhos de tecidos. Era uma imagem bem estranha.

A galinha continuou sua vidinha, comia, engordava e agora botava três ovos por dia.

Toda manhã, a dona da galinha a soltava para fazer exercício. Acontece que perto da casa das irmãs ficava o castelo de um rei, e lá ia a galinha entrando na sala real todo santo dia.

Era uma bagunça que só vendo, papéis voando por todo canto, penas, tecidos e couro espalhados pela sala toda. Em

vão o rei tentava capturá-la, até que, um dia, chamou um dos seus criados e disse:

– Quero que você descubra de quem é essa galinha, quero comprá-la, matá-la e comê-la!

Não demorou muito, os criados descobriram a dona e disseram:

– O rei quer comprar sua galinha.

Ela ficou um pouco pensativa e respondeu:

– Eu já tenho uma galinha

Que me dá três ovos todo dia.

Caso ela me desse quatro,

Muito mais dinheiro eu teria!

Os criados deram o recado ao rei. Ele não gostou muito da resposta, mas mandou dizer que daria à mulher um belo cavalo em troca da galinha. A mulher respondeu:

– Eu já tenho uma galinha

Que me faz companhia.

Para que quero eu um cavalo de rainha?

O rei espumava de raiva, mas ainda tentou subir a oferta. Disse aos criados para oferecerem a metade das minas de Mato Grosso em troca da galinha. Depois de ouvir, novamente veio a recusa:

– Eu já tenho uma galinha

Que gosta da minha prima.

Para que quero eu um tesouro de rainha?

O rei não podia acreditar. Ninguém recusaria uma fortuna dessas por causa de uma galinha estranha daquelas. Ele chamou todos os criados do castelo, mandou que se escondessem e, de manhã bem cedinho, assim que a bichinha entrasse na sala real, todos saltariam para pegá-la. Foi um deus nos acuda, penas, tecidos e couro voando para todos os lados, vidraças quebradas, cadeiras de pernas para o ar. Finalmente, o rei estava com a galinha nas suas mãos:

– Se aquela mulherzinha não quer me vender a galinha, vou tê-la à força! Cozinheiro, ponha esse animal numa panela fervendo em água, não perca tempo em matá-la e depená-la.

O cozinheiro fez o que o rei mandou. Depois de um tempo, estava na frente do soberano uma travessa com a galinha fumegando. Ele olhou com satisfação e prazer para o animal, espetou o garfo e mandou a galinha inteira para dentro do bucho.

Parecia que estava tudo resolvido, mas, logo após a ingestão da galinha, a barriga do rei começou a crescer rapidamente. Médicos foram chamados, deram laxativos, ervas medicinais, emplastos etc. Nada adiantava, a barriga real aumentava, aumentava e aumentava.

De repente, uma voz saiu de dentro da barriga do soberano:

– Só saio daqui,

Não por um caqui!

No dia em que casares com minha dona.

A que foi minha remendona!

– O quê? – gritou o rei. – Casar com uma simples mulher, ainda por cima uma remendona? De jeito nenhum!

Mal acabara de falar e a barriga real já estava quase a estourar.

– Tragam a remendona, corram! – gritou o rei.

Os criados voltaram com a dona da galinha, que, ao ver a barriga do rei, quase desmaiou de susto. Se alguém se atrevesse a encostar uma agulha naquela pança, o soberano sairia voando pelos ares.

– Tragam o padre! – esbravejou o rei.

A mulher não conseguiu nem recusar o casamento. No fundinho de sua alma, ela estava adorando aquilo, dali a pouquinho seria rainha.

E assim que o padre disse: “Eu os declaro marido e mulher...”, um forte estrondo se ouviu, saindo do traseiro real. Todos ficaram estupefatos ao verem a galinha, que tinha perfurado a calça do rei com seu bico, parada ao lado do casal. E, antes de fugir pela janela para nunca mais aparecer, a galinha disse:

– Você foi minha dona!

Remendona!

Por sua causa escapei da malvadeza,

Como retribuição casei-a com a riqueza.

O mais novo casal real viveu feliz para sempre...



MODERNA



O mistério das três velhas

No Pará existe uma lenda sobre três velhas misteriosas que podem ajudar aquelas pessoas que mais precisam de auxílio.

Conta uma velha história que uma jovem muito bonita conversava com suas colegas invejosas. No final da reunião, a linda jovem disse:

— Se eu me casasse com o rei, fiaria, bordaria e engomaria todas as suas camisas.

Foi só o encontro terminar, que as colegas invejosas fizeram questão de espalhar essa notícia por todos os cantos da cidade.

Não deu outra, o rei ficou sabendo, mandou chamar a jovem e disse:

— Você será minha esposa, mas, assim que casarmos, quero ver o seu talento para fiar, bordar e engomar. Caso você não seja assim tão boa como falaram, sua cabeça será decapitada.

A jovem estava tremendo. Ela havia dito isso só por brincadeira, ela não sabia fazer nada daquilo que havia dito. Uma grande tristeza tomou conta do seu ser.

O casamento foi realizado. E, no dia seguinte, o rei acordou, olhou para a nova rainha e disse:

— Quero ver hoje à noite minhas camisas mais lindas do que nunca! Caso não cumpra sua palavra, você já sabe...

A jovem rainha não tomou café da manhã, não tocou no almoço, não saía do quarto. O destino parecia certo. Ao entardecer, o rei chegou ao castelo e mandou chamar a esposa. Antes de ele perguntar sobre suas camisas, alguém bateu na porta.

Lá fora estavam três velhas. Uma tinha nas costas uma corcunda imensa, a outra tinha os olhos mais tortos que uma banana e a última tinha as mãos mais furadas que uma peneira.

– Quem são vocês? – perguntou o rei.

– Somos as tias de sua rainha – responderam em coro.

A rainha foi chamada. Olhou para as velhas, nunca as tinha visto antes, mas, sem falar nada sobre seu desconhecimento, perguntou:

– O que vocês querem?

– Queremos fiar, bordar e engomar!

O rei olhou para as velhas com horror e disse:

– Então vocês é que ensinaram tudo para ela?

A que tinha a corcunda nas costas disse:

– Eu fui a professora de engomar, engomo o dia inteiro e é por isso que tenho esta corcunda.

A que tinha os olhos tortos disse:

– Eu fui a professora de bordar, bordo o dia inteiro e é por isso que tenho estes olhos tortos.

E, finalmente, a que tinha as mãos furadas disse:

– Eu fui a professora de fiar, fio o dia inteiro e é por isso que tenho as mãos furadas.

O rei olhou novamente para as três, depois se voltou e viu a beldade que era sua jovem rainha. Então, ordenou:

– Jamais permitirei que minha rainha fique assim! A partir de hoje, a rainha está proibida de fiar, engomar e bordar!

As três velhas misteriosas foram embora, e a rainha agradeceu aos céus e viveu feliz por muito, muito tempo.

O pássaro que queria matar o sono

O **mauari** é um pássaro que vive na Amazônia. Dizem que ele não tem casa própria. Durante o dia ou à noite, pousa em qualquer canto que aparecer. O curioso é que, ao ficar cansado, o mauari começa a cochilar e aí... leva um susto tremendo, desperta e sai voando novamente.

Os indígenas do Norte contam o motivo da insônia eterna do mauari. Dizem que um dia o pássaro que nunca dorme decidiu matar o sono. Ele ficou num alto galho de uma árvore, resmungando:

— Eu pego esse sono! Ele vai ver só a força da minha bicada!

Depois de um longo tempo, o pássaro sentiu um formigamento no corpo, o sono estava por perto. O mauari tentou arregalar os olhos, abriu e fechou o bico várias vezes, tremeu o corpo todo, mas acabou cochilando por segundos. De repente, ele despertou assustado, viu que o sono tinha sumido e voou à sua procura.

No próximo galho em que o mauari pousou, ocorreu a mesmíssima coisa. E assim o pássaro mais vigilante da floresta continua até hoje tentando matar o sono.

4ª PARADA:

RÚSSIA

A arte é um dos meios que unem os homens.

Liev Tolstói





O camponês tolo

Numa manhã cinzenta de outono, um simples camponês puxava seu burrico por uma comprida corda. Ao passar por uma encruzilhada, dois jovens larápios avistaram o simplório com seu animal e decidiram divertir-se e roubá-lo ao mesmo tempo.

Assim que o camponês passou na frente dos ladrões, um deles começou a puxar conversa, o outro aproveitou, desamarrou a corda do pescoço do burro e a enlaçou no seu próprio pescoço.

O primeiro ladrão se despediu do camponês, que continuou puxando sua corda. De repente, ao olhar para trás, o simples homem quase morreu de susto: em volta da corda havia um jovem e não seu animal.

– Quem é você!?! – perguntou, assustado, o camponês.

– Meu amo, você não está me reconhecendo? Sou seu burro.

– Mas cadê suas orelhas de burro?

– Na verdade, eu sempre fui gente, mas um dia um feiticeiro me amaldiçoou e me transformou num burro. Foram suas chicotadas que me libertaram do feitiço – disse o jovem, divertindo-se com aquilo tudo.

– Não foi minha intenção maltratá-lo. É que você às vezes era teimoso, mas em muitas ocasiões eu lhe cocei as costas e reforcei sua alimentação.

– Não estou reclamando, você foi o melhor dono do mundo. Fui um burro feliz por anos, mas agora quero viver como gente.

O camponês olhou o jovem e disse:

– Pode ir embora, não posso usá-lo mais como burro.

O ladrão tirou a corda do pescoço, abraçou o homem e foi embora. O camponês ficou preocupado com a situação, precisava de outro burro urgentemente. Ele voltou para seu vilarejo e pediu dinheiro emprestado para um primo rico.

Com o dinheiro na mão, o camponês foi até o mercado de vendas de animais, no centro da cidade. Chegando lá, começou a procurar um novo burro, quando, para seu espanto, reconheceu seu antigo animal sendo vendido por um comerciante.

O camponês ficou fitando o animal por um bom tempo, aproximou-se do vendedor e disse:

– Posso falar algo em particular com esse burro?

O comerciante achou aquele pedido estranho, mas deixou que o homem se aproximasse ao ouvido do burro. O camponês olhou para os lados e disse baixinho:

– Desculpe-me, amigo, mas desta vez eu não quero nem saber, você que engane outro trouxa, adeus.

O camponês abriu um sorriso satisfeito e foi comprar outro animal.





Quem muito quer...

Um pobre moscovita vivia num alpendre caindo aos pedaços. Nas noites gélidas do inverno russo, o homem só pensava em como seria bom se tivesse dinheiro:

– Se eu fosse rico, não seria sovina, gastaria toda a minha fortuna com castelos, comida, carroças, ajudaria todos que necessitassem, não pouparia nada.

Numa dessas noites de devaneio, um homem misterioso passou perto desse pobre homem e decidiu ajudá-lo. No dia seguinte, na porta do alpendre havia uma bolsa e um bilhete:

Você pode retirar quantas moedas quiser, mas só pode usá-las depois de jogar a bolsa no rio Volga.

O homem achou que alguém estivesse brincando com ele, mas ao pôr a mão dentro da bolsa... SURPRESA! Uma reluzente moeda de ouro.

Depois de um dia inteiro retirando moedas de ouro, o homem foi até o rio Volga, levantou a bolsa no ar e, quando estava prestes a lançá-la, pensou:

– Que pena perder um tesouro tão valioso, amanhã eu volto e joga a bolsa no rio.

Assim, no dia seguinte e nos outros também, a mesma cena se repetia e o homem sempre voltava para casa com a bolsa a tiracolo.

O alpendre agora estava abarrotado de moedas de ouro, que não podiam ser usadas, porque, quando ele tentava comprar algo, elas desapareciam. O homem foi ficando cada

dia mais doente, e a solução era se livrar da bolsa, mas aquilo parecia impossível. O homem misterioso que acompanhava a distância todo aquele sofrimento disse para si mesmo:

– Os homens não aprendem... Quem muito quer... Nada tem!



O príncipe arrogante

Um jovem príncipe arrogante possuía muitas terras nas planícies do norte da Rússia. Sempre que podia, tal nobre cavalgava por seus domínios, fiscalizando e punindo camponeses que não trabalhavam direito.

Numa das visitas por uma de suas propriedades, o príncipe ficou furioso ao ver um moinho cujas pás estavam inertes. Com o rosto vermelho de raiva, o nobre exigiu a presença do moleiro. Dali a pouco, o simples homem apareceu e ouviu o seguinte:

– Moleiro, você sabe que sou seu patrão?

– Sim, Alteza. Tudo aqui lhe pertence – disse humildemente o moleiro.

– Então me responda: por que as pás desse moinho estão paradas!? – gritou o jovem.

O moleiro olhou para o céu azul, depois observou o moinho e finalmente disse:

– Alteza, as pás não rodam porque não há vento.

O príncipe ficou terrivelmente ofendido com aquela resposta, desceu do cavalo e com o dedo em riste disse:

– Não quero saber! Um moinho deve funcionar! Amanhã estarei aqui novamente e aí de você se as pás estiverem novamente paradas!

No dia seguinte, o príncipe, agora acompanhado de seu pai, estava na frente do moinho e as pás continuavam paradas.

– Moleiro, apareça imediatamente! – gritou o jovem.

O moleiro apareceu, abaixou o rosto e disse:

– Sim, estou aqui ao seu dispor.

– Você não compreendeu o que lhe disse ontem?

– Sim, compreendi.

– E por que as pás do moinho não estão rodando?

– Eu pedi para o moinho encarecidamente mover seus braços.

– E o que o moinho respondeu?

– Ele me pediu para falar com o homem mais poderoso deste lugar.

– Esse sou eu – disse o príncipe. – O que ele quer de mim?

– O moinho me pediu para solicitar ao senhor que mande o vento soprar suas pás.

O príncipe não sabia o que falar, o moleiro era mais inteligente que o próprio nobre. O rei, que acompanhou toda a cena, ordenou que dessem ao simples homem um saco com moedas de ouro e decidiu mandar o príncipe trabalhar no campo. Assim, talvez apreendesse um pouco da sabedoria dos homens da terra.

A menina inteligente

Dois conhecidos viajavam juntos de volta para São Petersburgo: um era pobre e estava montado numa égua em condições deploráveis; o outro era rico e estava em cima de uma carroça bem equipada, puxada por dois belos cavalos.

Ao anoitecer, os dois resolveram acampar na relva. O rico montou uma barraca e o pobre abriu seu cobertor e deitou na grama. De madrugada, a simplória égua deu à luz um potrinho, que deslizou e foi parar embaixo da carroça do rico.

De manhã bem cedo, o rico acordou o pobre, dizendo:

– Colega, veja o milagre que aconteceu.

O pobre abriu os olhos lentamente e o rico continuou:

– Esta noite, minha carroça deu à luz um potro!

– O senhor deve estar louco. Como uma carroça pode dar à luz qualquer animal? É evidente que minha égua é a mãe desse potrinho! – disse o pobre, já bem acordado e irritado com as artimanhas do rico.

– Por que então o bebê está debaixo da minha carroça? É a prova de que ela é a mãe! – retorquiu o rico.

Houve uma discussão intensa entre os dois, até que decidiram levar essa questão aos juizes de São Petersburgo. O homem rico era também muito influente, tinha certeza de sua vitória. Acontece que esse caso chegou aos ouvidos do próprio czar, que resolveu decidir a disputa.

Os dois querelantes foram recebidos pelo czar no seu suntuoso palácio. Após ouvir as versões de cada um, o soberano disse:

– Antes de tomar minha decisão, quero propor-lhes quatro enigmas. As respostas deverão chegar até mim em três dias.

O homem pobre ficou mudo, achava-se uma pessoa pouco inteligente; já o rico tinha o rei na barriga e disse:

– Vossa Alteza, pode dizer os enigmas.

– Qual é a coisa mais robusta e veloz do mundo? Qual é a coisa mais rechonchuda? Qual é a coisa mais suave? E qual é a coisa mais encantadora?

O rico e o pobre fizeram uma reverência e se retiraram da sala real. Na saída do palácio, o rico deu um sorriso malicioso em direção ao seu competidor e disse:

– A disputa já está ganha, você deveria desistir, adeus!

O pobre nada respondeu e foi pensativo para sua casa.

Chegando ao seu casarão, o rico chamou a mulher e contou sobre os enigmas do czar, e ela disse:

– É muito fácil, quer as respostas?

O marido sabia que a esposa tinha dois reis na barriga, mas a considerava inteligente.

– Fala, mulher.

– A coisa mais robusta e veloz do mundo é o cavalo do czar.

– Bravo! – gritou o marido. – Continue!

– A coisa mais rechonchuda do mundo é o cozinheiro do czar, que deve pesar mais de 200 quilos.

– De onde vem tamanha perspicácia? Fale mais, mulher!

– A coisa mais suave do mundo é o travesseiro real.

– Que inteligência! E o último enigma?

– A coisa mais adorável do mundo é o príncipe Pedrinho.

O rico estava explodindo de alegria, agora era só esperar o dia da nova audiência.

O pobre chegou em casa todo tristonho, se jogou numa cadeira bamba e abaixou o rosto.

– Pai, o que foi? – perguntou sua filha de dez anos.

O pai contou toda a história, sem se esquecer dos enigmas. A filha levantou o rosto do pai e, com um olhar iluminado, disse:

– Pai, sei as respostas dos enigmas.

O homem pôs-se de pé.

– Filha, diga, então.

– A coisa mais veloz e robusta do mundo é o vento. A mais rechonchuda é a Terra. A mais suave é a mão que faz um carinho. E a mais encantadora é um bom sonho sonhado.

O pai ficou pasmo com as respostas da pequena menina, abraçou-a e aguardou o dia da audiência real.

Depois de três dias, os dois novamente estavam na frente do czar. Ele ouviu as respostas de ambos e disse ao pobre:

– O senhor teve a ajuda de alguém para responder a meus enigmas?

– Sim, minha filha de dez anos respondeu tudo sozinha.

– Já que sua filha é tão inteligente assim, quero que ela me teça um tapete com este fio de cabelo até amanhã – disse o czar, arrancando um fio de sua cabeleira real e entregando-o ao pobre.

O homem rico perguntou:

– Quer dizer que ganhei a disputa?

– Ainda não. Quero que você esteja sempre ao lado deste homem nas audiências reais. Assim que ficar satisfeito, darei meu veredicto.

O rico pensou que o czar queria se divertir um pouco à custa daquele simplório.

O pobre voltou amuado para casa e, ao abrir a porta, deu de cara com a filha.

– O que foi, pai?

O pai contou a exigência do czar, no que a menina rapidamente respondeu:

– Entregue para o czar este galho de madeira e diga-lhe que, assim que ele o transformar num tear, eu tecerei seu tapete.

No dia seguinte, o czar recebeu o galho, ficou pensativo, chamou o responsável da cozinha e disse:

– Entregue a este homem cem ovos.

– O que farei com tantos ovos, Majestade? – perguntou o pobre.

– Diga a sua esperta filha que ela deverá chocá-los todos até amanhã! Quero cem pintinhos na minha frente ao amanhecer!

O rico, que estava observando toda a cena, continha-se para não rir.

Novamente em casa, com cem ovos nos braços, o pai, confuso, contou a nova exigência do czar à filha. A menina foi até a cozinha, pegou um punhado de milho e disse ao pai:

– Diga amanhã ao czar que os pintinhos, assim que nascerem, precisam comer milho, mas, como são muitos, é necessário plantar esses grãos e colher as espigas depois de duas horas.

Ao dar essa resposta ao czar, ele novamente ficou pensativo, coçou a cabeça e disse:

– Sua filha se acha a mais sábia do meu reino, então quero que ela venha me ver amanhã! Porém, tenho algumas condições para que isso ocorra. Ela não pode chegar até meu palácio a pé nem a cavalo, nem nua nem vestida, nem com presente nem sem presente.

Lá voltava o pobre novamente para casa.

– Filha, agora estamos enrascados. O czar quer vê-la, mas colocou essas condições absurdas para isso. – O pai contou as condições à filha, que disse:

– Sempre existe uma saída. Vá até o vizinho e peça emprestado o seu cão pastor, depois capture um pássaro e me arranje uma rede de pesca.

O pai foi correndo fazer o que a filha solicitou.

No dia seguinte, a menina chegava ao palácio do czar montada num cachorro e vestida com a rede de pesca.

O czar, assim que a viu, disse:

– Muito bem, menina. Você não estava nem a pé nem a cavalo, não estava vestida nem nua, mas cadê o presente que não é presente?

– Estique as mãos – disse a menina.

O czar abriu suas mãos, a menina lhe deu o pássaro, que assim que tocou nos dedos reais, levantou voo e desapareceu.

– Muito bem. Esse sim é um presente que não é presente. Mas, antes de tomar meu veredicto, conte-me como seu pai consegue sustentá-la sendo tão pobre.

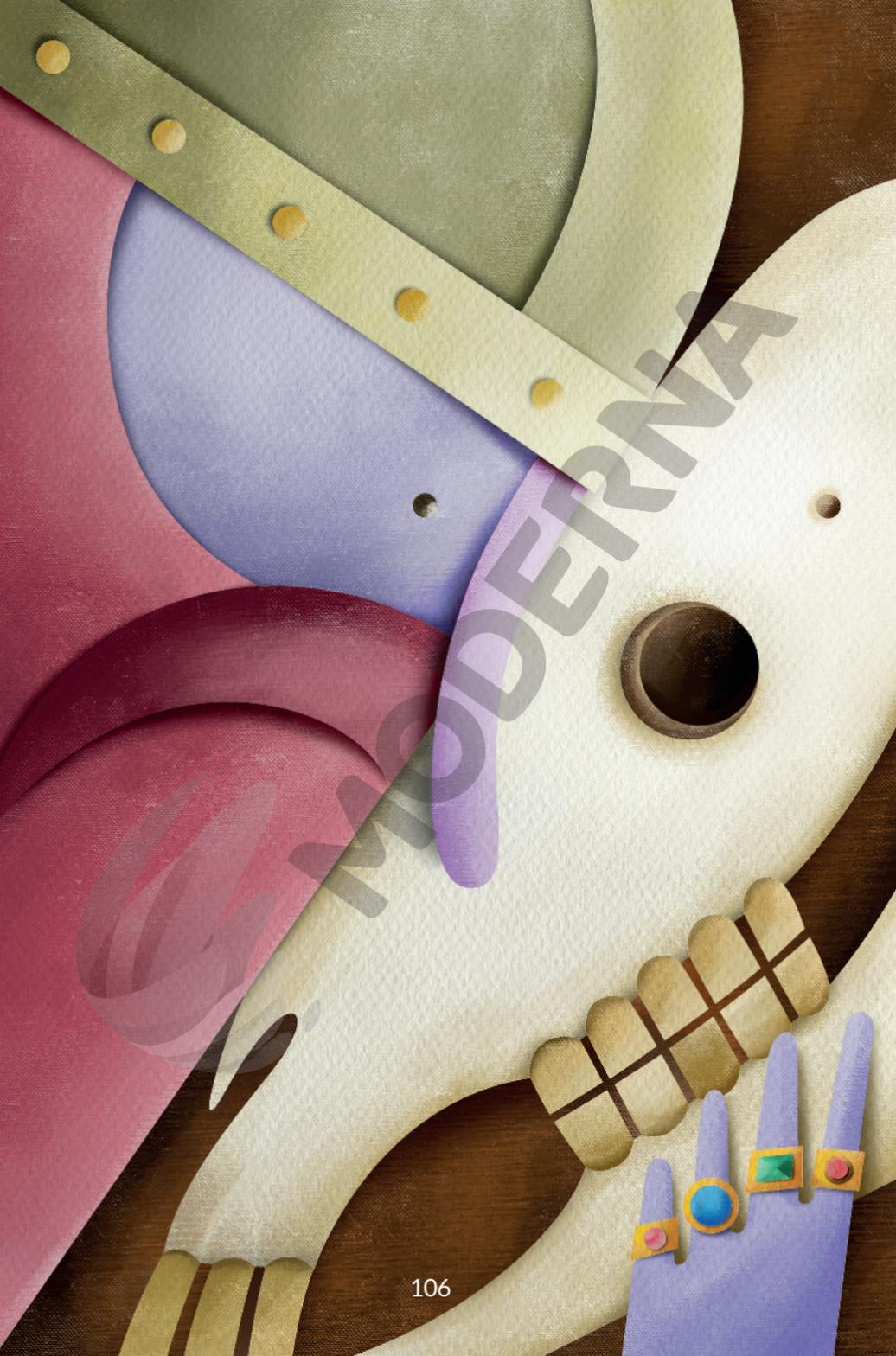
– Meu pai planta sementes queimadas que dão muito alimento para nosso sustento.

– Menina, que idiotice é essa! Todos sabem que sementes queimadas não dão alimentos!

– Sim, Majestade. E todos sabem também que uma carroça não pode dar à luz um ser vivo – retorquiu a menina, olhando para o homem rico, que assistia a todo o diálogo.

O czar estava encantado com a inteligência daquela pequena menina. Ele decidiu que o potro pertencia ao pai da menina e obrigou o rico a pagar uma alta indenização ao pobre.

A menina foi acolhida pela família real, que forneceu aquilo de que ela mais gostava: cultura e conhecimento. Depois de muitos anos, ela se casou com um dos filhos do czar e tornou-se, após a morte do soberano, a czarina da Rússia.



O príncipe Oleg era um poderoso nobre russo, e sua fama, coragem e justiça eram conhecidas por todo o reino. Ao mesmo tempo, Oleg tinha um misticismo muito forte, não combatia seus inimigos antes de ouvir seu profeta, Agal.

Numa fria manhã de inverno, o príncipe Oleg estava ansioso, pois, naquele dia, comandaria um imenso exército contra um país hostil vizinho. Antes de partir, foi falar com Agal:

– Meu venerável profeta, quem vencerá essa guerra?

O profeta de longa barba grisalha pegou uma vasilha de metal, despejou-lhe água e algumas ervas, fez orações com palavras incompreensíveis e respondeu:

– Não temas nada. Com certeza sairás vitorioso.

O espírito do príncipe inflamou-se, seus olhos ganharam vitalidade; agora lhe restava apenas uma pergunta:

– E quando e quem vai me matar?

Oleg sempre fazia essa mesma pergunta e o profeta sempre postergava a resposta. Mas, dessa vez, Agal agarrou os braços do príncipe e respondeu:

– Meu querido Oleg, sua morte está ligada ao cavalo que montas.

Ao ouvir aquilo, Oleg desvencilhou-se abruptamente dos braços do profeta e disse:

– Não pode ser! Eu amo meu cavalo, somos parceiros inseparáveis, ele é o melhor corcel de toda a Rússia.

– Nada posso fazer contra o destino. Será seu corcel que porá fim a sua vida – disse Agal.

Antes de ir para a guerra, Oleg tomou uma decisão que partiu seu coração. Mandou que seu cavalo fosse levado para um campo distante do seu castelo, ordenou que lá ele fosse alimentado e cuidado como jamais outro animal o fora. Também deixou ordens expressas para nunca mais seu cavalo aproximar-se dele.

O príncipe foi para a guerra e, como predissera Agal, foi o vencedor. Depois de muitos anos de paz e justiça, Oleg continuava vigoroso, mas a idade já lhe mordida os tornozelos, os fios de cabelo branco dominavam toda a paisagem da cabeça principesca.

Um dia, almoçando com seu filho Igor, Oleg lembrou-se da profecia de Agal sobre seu cavalo. Depois de contar a história ao filho, chamou um empregado e disse:

– Faz muito tempo que não recebo notícias do meu antigo cavalo, quero saber sobre seu paradeiro.

O empregado fez uma reverência, se afastou e depois de alguns minutos retornou com a resposta:

– O palafrenero informou que seu antigo cavalo morreu há mais de dois anos.

Oleg, ao ouvir tal notícia, levantou-se da mesa, amparou-se nos ombros do filho e disse:

– Levem-me até o lugar onde meu animal tombou.

Oleg, Igor e o cavaleiro viajaram até o campo em que o animal havia morrido. O empregado mostrou a carcaça do corcel.

– Está vendo, Igor? Este cavalo foi meu grande companheiro. O falecido Agal errou na sua profecia, estou aqui, vivo, olhando meu animal morto.

O príncipe, com os olhos marejados, agachou-se para fazer um carinho na caveira branca do antigo companheiro, mas ele não sabia que aquela ossada havia se transformado na habitação de uma perigosa serpente, e, assim que pousou a mão no esqueleto, levou uma picada e morreu.



A mulher mais chata do mundo

Nas cercanias de Volgogrado morava um casal de camponeses. A mulher era conhecida por toda a vizinhança como a mulher mais chata do mundo. Tudo que o marido pedia ela fazia ao contrário.

– Mulher, amanhã precisamos acordar cedo.

Ela então dormia durante dois dias seguidos.

– Mulher, você precisa lavar melhor minhas roupas.

Ela então sujava todas as roupas que o homem tinha.

– Mulher, faz um *borscht* pra mim.

O homem adorava essa sopa de beterraba típica da Rússia.

Mas a mulher fazia no dia seguinte uma sopa de alho.

Se ele pedia vodca, ela fazia suco de uva; se queria silêncio, fazia barulho; se queria carinho, o espancava.

Certa manhã, o homem pediu à mulher que lhe costurasse uma calça. Ela resolveu cortar todas as suas roupas. Ele não aguentou aquilo, saiu de casa e foi colher groselhas na floresta.

No meio do caminho, o homem encontrou uma enorme moita que lhe chamou a atenção. Ao afastar os galhos, viu que havia um buraco imenso e fundo no solo, e teve uma ideia maliciosa:

– Eu não aguento mais aquela mulher, preciso dar-lhe uma lição.

No dia seguinte, disse à mulher:

– Vou para a floresta, não quero que venhas comigo!

– Então vou!

A mulher saiu atrás do marido. Chegando à moita, o homem disse:

– No meio desse arbusto encontrei um tesouro. Eu a proíbo de entrar no meio dessas folhagens!

– Olha só como ele fala! Eu vou entrar aqui é agora!

Ela deu um salto e caiu diretamente no buraco. O marido, feliz da vida, voltou para sua casa. Durante dois dias, viveu uma paz de que havia tempos não se lembrava.

No terceiro dia, o homem voltou para o buraco com uma corda comprida, jogou-a e gritou:

– Mulher, pegue na ponta da corda que vou trazê-la de volta.

O homem não ouviu resposta, mas sentiu que alguém se segurou na corda. Com muita força puxou-a, quando, para sua surpresa, viu o diabo agarrado firmemente nela.

– O que você está fazendo aí, diabo? – perguntou o camponês.

– Por favor, me deixe sair do fundo da terra! Não aguento mais aquela mulher! Eu peço que ela aumente o fogo do inferno, ela vai e o apaga. Eu peço que ela lustre meus chifres, ela vai e passa uma lixa. Eu quero massagens nos pés, ela me tortura com agulhas.

– Eu entendo perfeitamente o que você está passando – disse o camponês. – O que posso fazer pelo senhor?

– Me deixe solto pela Rússia.

– E o que ganho em troca?

– Vamos até Volgogrado, lá você dirá que é um exorcista famoso. Eu entrarei no corpo de algumas donzelas e você as libertará.

– Combinado.

Depois de alguns dias, o camponês começou seu trabalho em Volgogrado. O diabo entrava no corpo das mulheres, o camponês era chamado e resolvia o problema. O homem ficou rico e conhecido.

Após alguns meses de trabalho, o diabo disse ao homem:

– Bom, acho que você já está bem pago. Agora, preste atenção. Vou entrar no corpo da filha do czar e não quero que você se intrometa, senão vou esfaляchá-lo. Compreendeu?

– Sim.

Assim que a princesa foi dominada pelo diabo, o czar mandou chamar o famoso exorcista. O homem disse ao soberano:

– A única forma de ajudar sua filha é que Vossa Majestade peça a todo o povo que está em volta do castelo para gritar: “A esposa mais chata do mundo voltou!”

Rapidamente o czar ordenou que todos gritassem o que o exorcista mandara. Ao ouvir aquilo, o diabo saiu de dentro do corpo da princesa desesperado, viu o homem que o havia ajudado e disse:

– É verdade? Ela voltou? Por favor, me esconda rápido!

– Sim, é verdade. Mas tenho uma ideia, vamos até um lugar no qual ela não o encontrará novamente.

O homem levou o diabo para o mesmo buraco em que o havia resgatado.

– Pule, com certeza ela não voltará para esse lugar.

– Obrigado – disse o diabo, saltando para o buraco.

Dizem que até hoje a mulher mais chata do mundo inferniza a vida do diabo.

O homem mais teimoso do mundo

Num verão escaldante, uma camponesa resolveu raspar o cabelo. Ao chegar em casa, mostrou o novo visual ao marido e disse:

– Veja como raspei meu cabelo, gostou?

O marido olhou-a de soslaio e disse:

– O que vejo é que a senhora aparou o cabelo.

– Você está cego!? Eu raspei o cabelo!

– O que percebo, mulher, é que você aparou muito bem suas madeixas.

A camponesa estava furiosa.

– Se você disser novamente que eu aparei o cabelo, vou levá-lo até o rio e afogá-lo.

– Mas por que tamanha braveza? Quem manda aparar o cabelo?

A mulher se descontrolou, puxou o marido para fora da casa e o puxou até a margem do rio.

– Fala, miserável. Eu raspei meu cabelo ou aparei?

– Evidentemente, aparou!

A mulher jogou-o na água, afundou sua cabeça e gritou:

– Diga, agora! Aparei ou raspei?

O homem não podia falar por estar submerso, mas tirou a mão da água e mexeu os dois dedos, como se fosse uma tesoura. A mulher desistiu e foi embora gritando:

– Quem mandou casar com o homem mais teimoso do mundo?

5ª PARADA:

ÁFRICA

*Quando as teias de aranha se juntam,
elas podem amarrar um leão.*

Provérbio africano





Ananse, a contadora de histórias

Na África Ocidental, circulam muitas histórias sobre a aranha Kwaku Ananse. Uma das minhas preferidas é a que vou contar a seguir.

Ananse acordou um dia decidida:

– Quero ser a contadora de histórias oficial da África.

Naquela época, o dono das histórias era Nyankonpon, o deus do céu. Ananse pediu uma audiência com o todo-poderoso detentor das narrativas africanas. Depois de muito esperar, foi atendida:

– O que você quer por aqui, minha pequena aranha Ananse? – perguntou Nyankonpon.

– Quero comprar todas as suas histórias! – disse Ananse com firmeza.

O deus do céu deu uma estrondosa gargalhada e disse:

– Minha pequena criatura, antes de você já vieram por aqui os líderes das aldeias de Asumengya, Bekwai e Kokopu. Nenhum deles conseguiu comprar minhas preciosas narrativas.

– Mas eu sou muito mais poderosa do que eles! Proponha-me qualquer desafio que conseguirei realizá-lo – disse Ananse, confiante.

Nyankonpon fechou a cara, sua expressão ganhou cores de seriedade, cerrou seus olhos, suspirou fundo e disse:

– Você terá três tarefas para cumprir. Caso realize todas, minhas histórias serão suas! Porém, se não realizar uma das tarefas, eu mesmo a esmagarei com o meu cetro.

– Pode falar as tarefas – retrucou rapidamente Ananse.

– Quero que você me traga Onini, a serpente, Osebo, o leopardo negro, e Mmaboro, os vespões.

– Não vou demorar muito, já volto – disse Ananse, afastando-se do deus do céu.

Chegando em casa, Ananse contou para sua esposa, Aso, toda a conversa que tivera com Nyankonpon. A esposa teve uma ideia brilhante para pegar Onini, a serpente.

Ananse, junto com Aso, saiu para a floresta, cortou uma folha de palmeira, recolheu muitos cipós, aproximou-se do rio, morada de Onini, e disse em voz alta:

– Eu já disse, Aso! Onini é o ser mais comprido da floresta! Por que você insiste em dizer que uma simples folha de palmeira é mais comprida que Onini?

A serpente, que estava descansando no fundo do rio, ouviu aquilo, veio à tona e disse:

– Eu ouvi direito? Todos sabem que sou a mais comprida das criaturas. Ananse, estica essa folha de palmeira, vou deitar-me ao lado dela e você meça-me com esses cipós. Assim, sua tonta esposa verá quem é maior!

E lá estava a serpente, deitada ao lado da folha de palmeira. Em poucos segundos, Ananse amarrou Onini com vários cipós e o levou até o deus do céu.

Nyankonpon ficou surpreso com a inteligência da pequena aranha, tocou em Onini e disse:

– Um já foi, agora faltam dois.

Ananse libertou a serpente, que quase a devorou, tamanha a raiva, mas, sem parar para pensar muito no assunto, foi capturar seu próximo desafio, Osebo, o leopardo negro.

Depois de um tempinho, viu Osebo bebericando água na margem do rio. Ananse se colocou a uma distância em que o leopardo a pudesse ver.

– Sim, é isso mesmo que vou fazer! – disse Ananse, começando a costurar seus próprios olhos.

Osebo não conseguia compreender o que ela estava fazendo e perguntou:

– Você ficou maluca, Ananse? Por que você está costurando seus olhos?

– Você não está sabendo? Nyankonpon está presenteando os animais com esse fio mágico. Assim que costuramos nossos olhos com ele, conseguimos enxergar onde se encontram as comidas mais deliciosas da floresta.

Osebo começou a salivar e lambeu os beiços, e disse:

– Eu vou lá falar com o deus do céu, também quero meu fio!

– Que pena – disse Ananse. – Não sobrou mais nenhum fio.

O leopardo negro ficou frustrado, mas Ananse aproximou-se e disse:

– Como gosto muito de você, lhe darei um pedaço do meu fio.

Osebo abriu um sorriso e com dificuldade tentou costurar seus próprios olhos.

– Deixa que eu ajudo – disse Ananse, que rapidamente costurou os olhos do enorme leopardo.

– Não estou vendo nada! Não estou vendo nada! – gritou Osebo.

– Calma, vou te levar até a presença de Nyankonpon, e lá você reclama com ele.

– Está bem, vamos rápido, estou com fome.

Ananse amarrou um cipó no pescoço de Osebo e o levou à presença de Nyankonpon. O deus do céu arregalou os olhos ao ver aquela cena, tocou em Osebo e disse:

– Dois já foram, falta um.

Ao cortar o fio dos olhos de Osebo e libertá-lo na floresta, Ananse quase foi esmagada por uma pata feroz. Mas ela não perdeu tempo com aquilo. Faltava o último desafio.

Aso ajudou-a novamente, pegou uma panela de barro e cochichou algo em seu ouvido. Ananse compreendeu, encheu a panela com água e foi até o vespeiro. Chegando lá, começou a espirrar água em cima do vespeiro, gritando ao mesmo tempo:

– Um temporal, um temporal! Corram, amigos vespões, protejam-se na minha panela de barro!

Dentro do vespeiro foi um alvoroço, a água que Ananse jogava começava a pingar por todos os cantos da casa. Os vespões saíram todos e entraram na panela de barro. Quando o último entrou, Ananse tampou a panela.

Nyankonpon ouvia o zunido dos vespões na panela de barro, tocou-os e disse:

– Não faço ideia de como você, pequena criatura, conseguiu todas essas façanhas, mas com certeza merece ser a dona de todas as histórias da África.

Nyankonpon juntou as mais belas, sábias, engraçadas e emocionantes histórias que possuía e as passou para Ananse, a contadora de histórias.





A pedra mágica

No interior do Senegal, uma hiena faminta encontrou no meio do seu caminho uma pedra coberta de musgo e disse:

– Que interessante, uma pedra coberta de musgo. – Ela mal acabara de falar e PUM... desmaiou.

Após alguns segundos, despertou e disse:

– Que estranho, acabei de ver uma pedra coberta de musgo. – Novamente ela desmaiou.

Depois de isso se repetir diversas vezes, a hiena percebeu que se tratava de uma pedra mágica. Bolou um plano astucioso. Chamou o leão e disse:

– Venha, rei dos animais, quero lhe mostrar algo especial.

O leão, curioso, seguiu a hiena até a pedra.

– O que você quer me mostrar, criatura desprezível? – disse o leão.

A hiena apontou para a pedra.

– Quê? Você me trouxe até aqui por causa de uma pedra coberta de musgo? – e lá estava o leão desmaiado.

Rapidamente, a hiena roubou toda a caça que o leão guardava em sua toca.

Quando o leão acordou, olhou para os lados, não viu ninguém e foi embora.

A hiena ainda estava com fome. Chamou o hipopótamo e fez a mesma coisa. Então, o grandão disse:

– Só vejo uma pedra coberta de musgo. – A hiena roubou todos os alimentos guardados do hipopótamo.

O hipopótamo, assim como o leão, despertou e foi embora. A hiena ainda queria mais, chamou a lebre e disse:

– Veja, ali – apontando para a pedra.

– Não vejo nada – respondeu a esperta lebre.

– Como não vê nada? Olha ali, sua cega! – disse, com raiva, a hiena.

– Vejo apenas terra, minha amiga.

A hiena perdeu o controle e disse:

– Qualquer um pode ver uma pedra coberta de musgo!

Quando a hiena acordou, viu o leão, o hipopótamo e a lebre olhando para ela. Dizem que até hoje ela está fugindo desses animais.



MODERNA

A partilha do gnu

Depois de uma reunião no meio da savana africana, o leão, o chacal e a hiena decidiram caçar juntos, assim teriam mais chance de capturar suas presas.

Quando a fome já apertava, o chacal avistou um gordo gnu, desgarrado de sua manada. Os três rapidamente abate-ram o animal. O leão aproximou-se da caça e disse:

– Quem fará a divisão desse apetitoso gnu?

– Faça você, Majestade – disse o chacal.

– Não, hoje vou dar essa honra a um de vocês.

A hiena, que não se aguentava de fome, disse:

– Está bem, está bem! Eu faço a divisão!

O leão e o chacal olharam o rosto abobado da hiena e esperaram. Depois de um tempo, ela disse:

– As patas do animal, que são quatro, pertencem ao leão. A cabeça é do chacal e o resto é meu. O que acharam da minha divisão?

– Vem aqui pertinho de mim que vou lhe dizer – disse o leão.

Assim que a hiena estava próxima, o leão desferiu uma patada que lhe arrancou um dos olhos.

– Caro amigo chacal, sua vez de tentar uma divisão mais justa – disse o leão.

O chacal visualizou a hiena com um buraco no olho e disse:

– Uma das patas é para a hiena, a metade da cabeça é minha e todo o resto é do rei leão.

O leão estufou o peito e disse:

– Meu amigo chacal, quem foi o seu grande mestre na arte da divisão da caça?

– O olho da minha amiga hiena – respondeu o chacal, afastando-se com o seu pedaço.



O conselho do burro

Numa pequena fazenda da África do Sul, um fazendeiro possuía um boi e um burro. O boi trabalhava sem parar, sete dias da semana, de sol a sol, arando, carregando, puxando.

Num final de tarde, o boi, exausto, foi descansar no estábulo. Por lá estava o seu amigo burro, que tinha poucos afazeres durante o dia.

- Muito cansado, meu amigo boi? – perguntou o burro.
- Você não imagina o quanto.

O burro ficou com o coração partido ao ver a feição do boi e disse:

- Eu sei como ajudá-lo.
- Como?
- Amanhã, quando o fazendeiro vier, finja que está doente. Não coma, não beba e fique com a língua para fora.
- E se ele resolver me bater? – perguntou, preocupado, o boi.
- Isso não vai acontecer. Todo mundo tem o direito de ficar doente.

No dia seguinte, o boi seguiu os conselhos do burro. O fazendeiro, preocupado, deixou o boi descansar, mas ele precisava de alguém para arar, carregar e puxar. Olhou para o burro, e não teve dúvida, o fez sair do estábulo e trabalhar o dia inteiro no lugar do boi.

Ao chegar arreventado ao estábulo, disse:

- Como você está se sentindo, meu amigo boi?

O boi, que havia descansado como nunca na vida, respondeu:

- Estou me sentindo ainda um pouco mal, mas com alguns dias de repouso, estarei novo em folha.

O burro pensou que estava fazendo uma boa ação para seu velho amigo boi, deitou-se e adormeceu.

De manhã bem cedo, novamente o boi foi poupado, em compensação o burro trabalhou até o limite de suas forças físicas. Ao chegar ao estábulo no final da tarde, olhou para o boi e disse:

– Vejo que sua cara está excelente, amanhã volta ao batedor, não é?

– De jeito nenhum – disse o boi. – Estou com dores terríveis pelo corpo, preciso de mais dias de descanso.

O burro não aguentaria mais um dia de trabalho, aproximou-se do boi e sussurrou no seu ouvido:

– Eu não queria lhe contar, mas ouvi o fazendeiro dizer que, se você não ficasse bom amanhã de manhã, ele faria um belo churrasco para a família na hora do almoço.

No dia seguinte, o boi estava de pé, com o corpo todo duro e um olhar que transpirava saúde. O fazendeiro atrelou o arado nele e o levou para o campo. E o burro nunca mais fez a burrada de dar conselhos para o boi.

O desafio de rei

Num antigo reino da Etiópia, uma dúvida cruel assolava a mente do envelhecido e doente soberano. Ele sabia que restavam poucos dias para sua vida terminar, e após sua morte alguém deveria assumir seu lugar.

O rei tinha três filhos, os príncipes mais valentes e amorosos que um pai podia desejar. Para quem ele passaria a coroa e o cetro real?

Depois de se aconselhar com os mais velhos e sábios homens da Etiópia, o rei, em seu leito, mandou chamar seus três filhos à sua presença e, com muita dificuldade, disse:

– Meus amados e queridos filhos, minha hora está chegando. Preciso escolher meu sucessor.

Os príncipes, com os olhos marejados, aproximaram-se do pai e ele continuou:

– Eu os amo do mesmo jeito, por isso não sei quem escolher. Decidi, então, propor um desafio a vocês três. Aquele que realizá-lo será, com a bênção dos outros dois, o próximo soberano da Etiópia.

Os príncipes, emocionados, concordaram com o pai.

O rei, com muito esforço, sentou-se na cama, pegou as mãos dos três filhos e disse:

– Aquele que conseguir encher o meu quarto em um minuto será o próximo rei!

– Como assim? – perguntou o filho mais velho.

– Encher com o quê? – perguntou o do meio.

– Já podemos começar? – disse o menor.

O rei olhou para os três, pegou sua ampulheta e disse:

– Assim que cada um de vocês entrar no meu quarto, virei a ampulheta. Saiam, pensem e voltem.

Os príncipes saíram pensativos, o mais velho foi até o estábulo real e com um carrinho pegou uma montanha de feno. Ao entrar no quarto do pai, este virou a ampulheta e disse:

– Pode tentar encher meu quarto em um minuto.

O príncipe espalhou o feno pelo quarto todo, e, ao final do minuto, o espaço ainda estava com muitos vazios.

– Filho, não deu certo. Fique ao meu lado e vejamos seus irmãos.

O filho do meio tinha acabado de sair do depósito de material de construção. Ele empurrava um carrinho com uma montanha de areia. Assim que entrou no quarto do pai, este virou a ampulheta e disse:

– Pode tentar encher meu quarto em um minuto.

O filho rapidamente começou a espalhar a areia pelo quarto todo; após um minuto, o pai disse:

– Também não deu certo. Fique ao meu lado e do seu irmão, vejamos o que o caçula vai fazer.

O filho menor tinha acabado de sair da cozinha, entrou no quarto do pai sem puxar nem carregar nada. Os dois irmãos tentavam não rir daquela situação. O rei, como nas outras vezes, virou a ampulheta e disse:

– Pode tentar encher meu quarto em um minuto.

O príncipe caçula foi até a janela, fechou a cortina, pôs a mão no bolso, tirou uma vela e a acendeu. O quarto todo ficou cheio, repleto de luz!

Os irmãos ficaram maravilhados com a sabedoria do irmão. O pai o fez se aproximar e o abençoou:

– Que a luz da sabedoria guie seus atos, futuro rei!

Dizem que, após a morte do velho rei, o príncipe caçula tornou-se um justo e sábio soberano, que tinha nos seus irmãos os mais fiéis conselheiros.

Dofu, o sábio

Em Douala, no litoral de Camarões, existia um homem dos mais sábios que já existiu na África: Dofu Seringue Taibá M' Baye.

Toda manhã, ao sair para sua caminhada à beira-mar, as crianças do seu vilarejo corriam e pulavam ao seu redor, gritando:

– Dofu, Dofu, conta aquelas histórias antigas pra gente! Dofu, Dofu, canta aquelas canções dos nossos antepassados.

O sábio parava, observava o céu, o mar e cada rostinho daquelas crianças. Após alguns bons minutos, sentava-se, cantava e contava histórias para o deleite da molecada. Depois de boas e lindas histórias e canções, o sábio voltava à sua caminhada.

Visitantes de toda a África vinham ouvir as palavras de Dofu, todo final de tarde. Ele abria sua simples choupana para aqueles que quisessem compartilhar seu pão e sua sabedoria.

Numa dessas tardes, um homem arrogante e prepotente adentrou a choupana e gritou:

– Quem é Dofu? Aquele que se crê o mais sábio dos sábios?

Nunca ninguém tinha tratado o querido Dofu dessa forma. Alguns homens queriam enxotá-lo de lá. Porém, Dofu, com um ar sereno, disse:

– Meu bom homem, o que você quer?

O homem foi empurrando todos a sua frente, encostou sua face na do mestre e respondeu:

– Quero lhe fazer uma pergunta; caso não saiba a resposta, vou dar-lhe vinte chicotadas.

Ouviu-se um murmúrio de indignação na choupana. Dofu apenas disse:

– Faça sua pergunta.

O homem aproximou-se do fogo que esquentava o pão, pegou um carvão em brasa e o atirou numa vasilha com água. Todos ouviram o barulho do fogo em contato com a água: CHUF.

– Dofu, o que se diz sábio, me diga, quem foi que fez o barulho que acabamos de ouvir? Foi o fogo em contato com a água? Ou a água em contato com o fogo?

Fez-se um silêncio abismal na choupana, todos olhavam para Dofu. Ele fechou os olhos e disse:

– É uma pergunta muito interessante e difícil, preciso meditar um pouco. Por favor, vão-se embora e só voltem depois do jantar.

Após o jantar, a choupana de Dofu nunca estivera tão cheia de gente. Pessoas se aglomeravam no lado de fora da casa, muitos vilarejos vizinhos souberam do desafio ao mestre e lá estavam curiosos para saberem o desfecho daquele caso.

O homem que havia feito a pergunta segurava na mão um chicote, preparado para colocá-lo em ação a qualquer momento. Dofu pediu a todos que se sentassem, e todos obedeceram imediatamente. Aproximou-se do desafiante e disse:

– Antes de responder a sua pergunta, eu também tenho uma a lhe fazer.

O homem riu e disse:

– Tentando escapar, não é, meu sábio? Mas vamos ver o que você quer, pergunte!

Dofu olhou fundo nos olhos daquele petulante e deu-lhe um tapa no rosto tão forte que o barulho se ouviu ao redor de toda a choupana. O homem estapeado não teve tempo de reagir, e Dofu perguntou:

– O barulho que acabamos de ouvir foi o da minha mão em contato com sua bochecha? Ou da bochecha em contato com a minha mão?

O homem, desnorteadado, levantou-se e disse:

– Preciso meditar a respeito disso. – Saiu cambaleando pela porta da choupana e nunca mais apareceu por lá.



MODERNA



A história mais curta da África

Uma mãe coruja de primeira viagem disse a um pássaro que acabara de pousar para pernoitar ao lado do seu ninho:

– Olhe que lindo filhote eu acabei de ter.

O pássaro peregrino olhou para a corujinha e disse:

– Espere o dia amanhecer e aí diga-me novamente o que acha da beleza do seu filho.



MODELO

Os irmãos, a velha e o Monte Kilimanjaro

No norte da Tanzânia, leste da África, existia uma aldeia com poucos habitantes. A fome e a seca assolavam aquele local. Um pai desesperado começou a rogar aos deuses que o ajudassem. Seus dois filhos, Mkunare e Kanyanga, vendo aquela cena, decidiram aventurar-se num dos picos do Monte Kilimanjaro.

Havia uma lenda que contava que lá no topo do mundo existia um rei muito bondoso, que ajudava os mais necessitados. Mkunare, o filho mais velho, recolheu poucas provisões e disse ao pai:

– Meu destino é salvar minha família e meu povo. – O pai não teve o que dizer, deixou o filho partir.

Depois de horas caminhando, Mkunare encontrou no sopé da montanha uma velha muito estranha. Ela estava sentada num velho tapete de palha, com roupas imundas, e seus olhos estavam fechados e repletos de remela grudenta. Por educação, Mkunare a cumprimentou:

– Bom dia, minha senhora.

– O que você faz por aqui, meu jovem? Eu sei que você veio de longe – disse a velha, com ar de mistério.

– Eu vou subir o Kilimanjaro – respondeu, decidido, Mkunare.

– E quem você procura lá no alto, meu netinho?

Mkunare estava ficando irritado com tantas perguntas, e quem era ela para chamá-lo de “netinho”? Ele resolveu responder e ir embora:

– Vou encontrar um rei muito bondoso, que ajudará a minha aldeia faminta e sedenta.

Estava dando as costas para a velha, quando esta gritou:

– Volte, meu jovem! Eu vou ensinar-lhe como chegar até lá!

Mkunare parou, deu meia-volta e disse:

– Diga logo! Estou com pressa!

– Só falarei se meu netinho lamber os meus cansados olhos; assim que abri-los, eu lhe contarei tudo!

O jovem olhou aquela remela asquerosa e teve vontade de vomitar.

– Obrigado, minha velha. Mas não preciso de sua ajuda.

Mkunare começou a subir a montanha, lá pelas tantas ouviu uma cantoria. Estava na região dos Konyingo, o povo pequeno. Eles eram os súditos do rei bondoso, porém todos tinham aparência de meninos e meninas. Pensando que eram crianças, o jovem aproximou-se e perguntou:

– Crianças, cadê seus pais e irmãos mais velhos?

O povo pequeno não gostou de ser confundido com crianças e maliciosamente respondeu:

– Espere aqui até os nossos pais e irmãos chegarem.

O jovem aguardou por horas a chegada de algum pretenso adulto. Os pequenos passavam por ele com carne, bebida, raízes suculentas e não ofereciam nada ao visitante. Mkunare desistiu e desceu a montanha. No sopé, a velha continuava sentada:

– Minha boa velha, quem são aquelas crianças malvadas lá em cima?

A velha não se deu ao trabalho de virar o rosto. Continuou calada como se fosse uma estátua.

Depois de uma longa e extenuante caminhada, Mkunare chegou triste e frustrado à sua aldeia. Contou o que havia acontecido e disse que o futuro era mais sombrio que o presente.

Kanyanga, o irmão mais novo, não queria desistir. Recolheu pouquíssima provisão e disse ao pai:

– Vou em direção ao meu destino, com o coração puro e a alma serena.

Como da outra vez, o pai nada disse.

Kanyanga fez o mesmo caminho do irmão mais velho, até chegar ao sopé do Kilimanjaro e ver a mesma velha. Sem pensar em educação ou qualquer outra coisa, disse:

– Bom dia, minha senhora.

– O que você faz por aqui, meu jovem? Eu sei que você veio de longe – disse a velha, novamente com ar de mistério.

– Eu vou subir o Kilimanjaro, preciso muito encontrar alguém.

– E quem você procura lá no alto, meu netinho?

Kanyanga sentou-se próximo da velha e disse:

– Procuo um rei bondoso. Dizem que ele ajuda os pobres e necessitados.

A velha aproximou seu rosto sujo ao do jovem e disse:

– Eu sei como você deve proceder, quer que lhe ensine?

Kanyanga ficou exultante ao ouvir aquilo e respondeu:

– É claro! Por favor, ajude-me!

– Só falarei se meu netinho lambe os meus cansados olhos; assim que abri-los lhe contarei tudo!

O jovem olhou para a velha, para seus olhos remelentos e disse:

– Se isso ajudará a matar a fome e a sede de meu povo, é claro que faço.

E, sem pestanejar, Kanyanga lambeu os olhos da velha delicadamente e, assim que ela os abriu, disse:

– Obrigada, meu netinho. Agora suba o monte e quando encontrar o povo pequeno não os confunda com crianças, são os súditos amados do rei que você procura. Peça com gentileza e respeito um encontro com o rei e eles o atenderão.

E foi isso mesmo o que aconteceu. Kanyanga encontrou o povo Konyingo, tratou-os muito bem e assim foi recebido pelo rei. Depois de contar as mazelas de seu povo, o rei ordenou que lhe dessem rebanhos, água e muitas sementes de alimentos resistentes à seca.

Kanyanga foi recebido como herói em sua aldeia. À noite houve música, dança e cantoria, e em volta da fogueira, comendo pedaços de carne saborosa, o jovem contou mais de cem vezes sua história.



MODERNA

Autor e obra



KIKO FERRITE/
ARQUIVO PESSOAL

Ilan Brenman é filho de argentinos, neto de russos e poloneses. Nasceu em Israel em 1973 e veio para o Brasil em 1979. Naturalizado brasileiro, Ilan passou a morar em São Paulo, onde continua criando suas histórias.

Ilan fez mestrado e doutorado na Faculdade de Educação da USP, ambos defendendo uma literatura infantil e juvenil livre da ideologia do “politicamente correto” e com muito respeito à inteligência e à sensibilidade da criança e do jovem leitor.

Recebeu diversos prêmios, entre eles o selo “Altamente Recomendável” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, os 30 melhores livros do ano pela revista *Crescer* e o prêmio White Ravens (Alemanha), o que significa fazer parte do melhor que foi publicado no mundo.

Tem livros publicados na França, Itália, Alemanha, Polônia, Espanha, Suécia, Dinamarca, Argentina, Coreia, China, em Portugal e no México.



Atualmente percorre o Brasil e o mundo dando palestras e participando de mesas de debate em feiras de livros, escolas e universidades sobre temas contemporâneos nas áreas de cultura, família, literatura e educação.

Ilan sempre foi um apaixonado por contos antigos e foi neles que encontrou a resposta a uma pergunta universal: de onde viemos? Os contos nos dizem que os seres humanos vieram de um tronco único, somos muito mais parecidos do que diferentes. Mudam o espaço geográfico, a língua, o vestuário, a comida etc., mas os desejos são tão iguais: queremos ser felizes, queremos nos afastar da dor, queremos amar e ser amados, queremos ter amigos... Nesses contos, podemos mergulhar dentro de nós mesmos.

Ilustrador



ARQUIVO PESSOAL

Carlo Giovanni é artista visual, ilustrador e *designer* gráfico. Como toda criança, começou a desenhar muito cedo, mas, diferentemente da maioria, esqueceu de parar. Depois de muito brincar de desenhar com todo tipo de material que lhe caía nas mãos, veio a descoberta da ilustração e a vontade de contar o mundo através de imagens.

Com o tempo, o desenho tornou-se profissão após formar-se em *Design Gráfico*, mas nunca deixou a brincadeira de lado e continuou desenhando, inventando formas, recombinao técnicas, desfazendo o que já estava pronto e refazendo tudo outra vez. Nesse longo processo de descoberta do seu trabalho, quis testar muitas maneiras de desenhar, pintar, colar e esculpir com os materiais.

Com o passar dos anos, descobriu que tem especial afinidade com um dos materiais mais comuns e corriqueiros no nosso dia



a dia, o papel, e começou a trabalhar com ele não como suporte para o desenho ou pintura, mas como material a ser esculpido, dobrado, molhado, amassado, rasgado.

Aprendeu a fotografar o papel, a usar a luz e a sombra e a explorar seu volume, textura, plasticidade e possibilidades escultóricas, compreendendo melhor todos esses elementos dentro do seu trabalho de ilustração. Essas descobertas, a partir das experiências e brincadeiras com papel, são parte fundamental no seu trabalho e são facilmente visíveis nas suas ilustrações, sejam elas digitais, como as que estão neste livro, ou manuais.

Ainda hoje, Carlo estuda, pesquisa e desenvolve técnicas a partir desse material que roda o mundo há milhares de anos, desde a China até a Europa, veio para as Américas e foi suporte para as histórias, lendas e mitos contados por nossos antepassados.

UM TECIDO DE HISTÓRIAS E TRADIÇÕES

Ricardo Chaves Prado

Contos populares: uma fonte de ensinamentos

O conto é um gênero textual muito praticado na literatura moderna – aquela que nasceu com as cidades atuais, marcadas pelo ritmo acelerado da economia industrial – e na literatura contemporânea. O livro que você tem em mãos tem como epígrafe uma citação do autor argentino Jorge Luis Borges, bastante conhecido por ter explorado de forma inventiva as possibilidades desse gênero, que é caracterizado pela brevidade, em comparação com outros gêneros narrativos, e principalmente pelo fato de ter uma estrutura regular, dividida em introdução, desenvolvimento, clímax e conclusão.

De uma forma resumida, podemos dizer que a técnica de escrita dos contos prevê que o percurso que vai da introdução ao clímax seja marcado por um aumento da tensão da narrativa. Conforme avançamos na história, vamos percebendo que é inevitável que o conflito que ela conta chegue a um ponto máximo de tensão, que corresponderá também à resolução desse conflito. Esse é o famoso clímax, aquele momento em que toda a complicação da trama vai se revelar e se resolver aos olhos do leitor.

Essa estrutura dos contos faz com que eles, em geral, apresentem uma trama presumivelmente mais enxuta do que, por exemplo, um romance, no qual essa estrutura é multiplicada. Nos romances, teremos o desenvolvimento de mais de um conflito, vários momentos de tensão e relaxamento, enquanto no conto essa estrutura se apresentará apenas uma vez.

Mas há muitos tipos de contos. E há muitas formas de diferenciar esses tipos de contos. É possível, por exemplo, definir tipos de

contos pelo tema que eles abordam. Por exemplo, podemos falar em contos de mistério e em contos de ficção científica.

Os contos que estão neste livro se caracterizam principalmente por sua origem. São os contos populares, ou contos tradicionais. Essas histórias curtas geralmente trazem uma reflexão junto com o seu desfecho e vêm sendo transmitidas ao longo de gerações por contadores, muitas vezes também cantadores, de aldeia em aldeia, de cidade em cidade. Pelo fato de terem essa origem, pode-se dizer que elas são representativas da visão de mundo dos povos que as produziram, e carregam ensinamentos sobre o comportamento dos seres humanos em diferentes momentos da história.

Um mundo de histórias em cinco paradas

A antologia que você tem em mãos, criada pelo escritor Ilan Brenman, apresenta um panorama de diferentes temas e visões de mundo em trinta e sete histórias, originárias de quatro países (Grécia, China, Brasil e Rússia) e um continente (África).

Há histórias com personagens da mitologia grega, como os deuses Apolo e Afrodite ou o rei Midas, aquele que transformava em ouro tudo o que tocava. Outras vieram das tradições do zen-budismo ou de episódios da vida de sábios como Confúcio e Lao-Tsé. Algumas falam da astúcia e da sabedoria de gente humilde. Da África, a maioria das histórias selecionadas são fábulas. Nesses contos curtos, os animais falam, discutem, brigam, apostam, ganham e perdem. Sempre fica, para quem ouve ou lê, uma aprendizagem que pode ser um exemplo a ser seguido ou evitado, ou se apresentar na forma de uma “moral da história”. Mesmo que, muitas vezes, ela esteja um pouco escondida e não se apresente abertamente dessa forma.

As histórias da tradição oral brasileira que compõem a seleção feita por Ilan Brenman certamente serão novidade, mesmo para quem se interessa muito por elas, pois esse parece ter sido um dos critérios do escritor para sua “viagem ao redor do mundo”: buscar histórias pouco conhecidas, mas divertidas e boas de contar.

O humor também tem um importante papel nas histórias de tradição oral. Nas manifestações culturais brasileiras, ele está presente tanto na literatura de cordel quanto em muitas letras de samba, que também é uma forma de arte popular que se alimenta da tradição oral. Como não poderia deixar de ser, nesta antologia, há várias dessas histórias que não perdem o leitor nem a piada. Da vingança do rapaz humilhado por um pum dado na hora errada, em “A história que é toda feita de puns”, ao comentário que encerra a “História mais curta da África”; do conselho infeliz que um burro dá a um boi, em “O conselho do burro”, à burrice de um rei impertinente, em “Orelhas de burro”, Ilan Brenman mostra, por meio delas, que as histórias orais se valem dos mesmos recursos usados pelos bons contadores de piadas: primeiro criam um ambiente para a cena, apresentando os personagens e o conflito. O segredo é ir passando as informações para o leitor (ou ouvinte) de tal forma que, ao fim da história, em um rápido desfecho, ele possa dar uma gostosa gargalhada ou um sorriso discreto causado pela compreensão dos sentidos da narrativa.

O contador de histórias que virou escritor

A própria trajetória do autor dessa antologia de contos, Ilan Brenman, é a confirmação da importância que a arte de contar histórias sempre teve, em qualquer parte do mundo. Nascido em Israel, na cidade de Kfar Saba em 1973, de pais argentinos com ascendência polonesa, Ilan veio cedo viver no Brasil com seus pais, Mario e Berta, e a irmã Gabriela. Com influências culturais

de diferentes fontes e imerso nas narrativas milenares da cultura judaica, ele sempre se interessou por literatura. Foi um ávido leitor de romances e livros de contos, além de devorar os livros de psicologia da biblioteca de sua mãe, que, embora trabalhasse em uma joalheria, lia os livros de Jung, Freud e outros por interesse próprio. E a leitura daqueles livros pelo adolescente Ilan acabaria direcionando-o para o curso de Psicologia.

Estudando na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, conseguiu emprego como monitor de crianças no Clube Hebraica, em São Paulo. Seria ali, como ele relembriaria em diversas ocasiões, que aconteceria a descoberta de seu talento como contador de histórias. E ela se deu quase sem querer, durante um dos primeiros dias de trabalho, quando uma menina de cinco anos chegou perto dele, acompanhada de outras, e pediu: "Tio, conta uma história pra gente?". Ilan não tinha experiência alguma com crianças pequenas, e entrou em pânico. "Mas eu não sei contar nenhuma história...", disse, tentando se esquivar daquela situação incômoda. O que ele não esperava é que a menina respondesse com um desafio que mudaria a sua vida: "Então inventa uma!".

Meio no susto, sob pressão, Ilan Brenman começou a costurar naquele momento, improvisadamente, uma história, enquanto via a sua plateia-mirim aumentar. Agora não haveria retorno, várias crianças se juntavam às primeiras e olhavam atentas para ele. O futuro escritor respirou fundo e foi em frente, criando assim a trama de "O pó do crescimento", aquela que seria a primeira de dezenas (hoje já centenas) de outras histórias que criaria ou adaptaria.

Escritor por vocação (e dedicação)

Depois de formado, Ilan Brenman passou a trabalhar na Fundação ABRINQ, em São Paulo, justamente contando histórias. Graças àquela menina, descobriu que tinha talento para ser um contador de histórias. E contava com a principal qualidade de todo

bom contador de histórias: uma ótima memória, para saber de cor e bem interpretadas, as histórias que, para cada público, seriam as mais indicadas.

Foi um período de muitas aprendizagens, viajando junto com um projeto de leitura itinerante da Fundação ABRINQ para diversos estados do Brasil. Ao mesmo tempo que se aprimorava na arte da contação de histórias, criando seus truques para manter a atenção, para gerar um suspense ou um susto e para envolver crianças e adolescentes em torno de uma trama, Ilan coletava, com a mesma fome de ler dos seus primeiros anos de leitor independente, novas histórias. Daqui e de outros países. Isso era o seu trabalho e, também, um objetivo que começou a ficar cada vez mais claro para ele: tornar-se um escritor. Mas não daqueles que publicam a cada dez anos, quando conseguem roubar algum tempo de seu trabalho principal. Ele queria viver de escrever suas histórias.

Quem topou esse desafio, além dele próprio, foi Tali, sua mulher, também psicóloga e, na época, trabalhando em uma multinacional. Apostando no talento do marido, ela ajudou a bancar a difícil decisão de pedir as contas na Fundação ABRINQ em 2004, mesmo gostando muito de trabalhar com o que ele mais gostava, que era ler e contar histórias. O tempo, a partir daquela escolha feita pelo casal, seria sua principal arma para buscar boas narrativas por todos os cantos do mundo e mergulhar na imaginação em busca das suas próprias invenções. E Ilan não desperdiçou esse tempo que ganhou pedindo demissão.

O escritor passaria a alternar publicações de histórias próprias, como *A festa de aniversário* (São Paulo: DCL, 2007) ou a série de livros infantis com as personagens Gabriel e Clara, com coletâneas de histórias de diferentes tradições e culturas. São dessa segunda categoria livros como *As narrativas preferidas de um contador de histórias* (segunda edição publicada em 2020), a série 14 Pérolas, com livros trazendo, a cada edição, histórias da sabedoria judaica, grega, sufi, budista e hindu; ou, ainda, esta

Viagem ao redor do mundo em 37 histórias, com cinco paradas, que você tem em mãos.

A vida do escritor Ilan Brenman tem um divisor de águas, aquele livro que o tornaria conhecido em todo o Brasil – e lá fora também: *Até as princesas soltam pum* (São Paulo: Brinque-Book, 2008). Com um belo trabalho da ilustradora Ionit Zilberman, o livro se tornaria rapidamente um *best-seller*. E abriria as portas para as traduções, que começaram a acontecer a partir de 2011, levando as histórias de Brenman para leitores da Alemanha, França, Itália, Portugal, Polônia, Espanha, Suécia, Dinamarca, México, Argentina, Coreia do Sul... e até da China!

Enquanto mergulhava em livros que traziam histórias do mundo todo, passando a acumulá-los em uma biblioteca que atualmente toma conta de boa parte de seu apartamento, na zona oeste de São Paulo, o escritor ainda encontrou tempo para fazer uma carreira acadêmica. Seu objetivo principal, como estudioso da literatura infantil, foi combater a ideologia do “politicamente correto”, defendendo a liberdade criativa para os autores de livros infantis e juvenis. Sua tese de doutorado, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, seria publicada no livro *A condenação de Emília: o politicamente correto na literatura infantil* (Belo Horizonte: Aletria, 2012).

Muitas das obras de Ilan Brenman ganharam o selo “Altamente Recomendável”, dado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), e pela mesma Fundação o escritor recebeu três prêmios: em 2009, na categoria melhor livro reconto, com *As 14 pérolas da Índia*; em 2011, na categoria melhor livro de imagem, com *Telefone sem fio*; e em 2012, na categoria melhor livro para a criança, com o livro *O alvo*. *O alvo* também foi selecionado para o Catálogo White Ravens (Munique, Alemanha), uma prestigiosa coleção que reúne anualmente o que de melhor é publicado no mundo para crianças.

37 histórias... Por onde começo?

Há algumas décadas, o imaginário das crianças brasileiras era repleto de histórias que remetiam ao passado do continente europeu. Contos de fadas com reis e rainhas, príncipes e princesas e personagens fantásticos que vinham de nações como Portugal, França e Alemanha. Mas o mundo foi mudando, e hoje buscamos mais referências culturais para alimentar nossa visão de mundo além daquelas que remetem exclusivamente ao imaginário herdado da Idade Média europeia. No Brasil, temos a presença de muitos povos diferentes, com origens em todos os continentes, e por isso mesmo é tão enfatizada a necessidade de conhecermos melhor a diversidade de visões de mundo que convivem no imaginário da sociedade, de forma nem sempre harmoniosa.

A proposta de Ilan Brenman neste livro pode ser comparada ao trabalho de outros autores contemporâneos, como Reginaldo Prandi e Júlio Emílio Braz. Os escritores que em algum momento decidem se dedicar a recontar as narrativas tradicionais podem fazer essa tarefa da sua maneira particular. Isso porque cada um tem seu estilo, o que significa que há uma margem de liberdade e de invenção, mesmo que essas histórias tenham como origem a tradição popular.

O sociólogo e escritor Reginaldo Prandi, por exemplo, é autor de livros como *Contos e lendas da Amazônia* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011) e *Contos e lendas afro-brasileiros* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007). Nessas obras, Prandi narra objetivamente, em geral na forma de um narrador-observador, as lendas que pesquisou, de forma que o leitor tem a impressão de estar em contato direto com a voz de um antigo contador de histórias.

Já Júlio Emílio Braz, na sua obra *Moçambique* (São Paulo: Moderna, 2011), apresenta histórias da tradição popular desse país africano de outra forma. Em vários de seus contos, o autor cria ambientações e situações em que alguém toma a palavra e começa a

tecer a narrativa do conto tradicional. Além disso, na obra citada, o autor cria até mesmo um enredo sobre quem seria o verdadeiro autor dos seus contos, misturando fantasia e realidade na apresentação do próprio ato de narrar.

Se você é daqueles leitores que primeiro leem as bordas de um livro, como a orelha, a quarta capa ou este texto aqui, para depois ir para o recheio, talvez ainda esteja se decidindo por qual delas começar. Então, é bom saber que nesse tipo de arranjo de histórias, o leitor, ou leitora, pode começar por onde quiser. Mesmo que em algumas oportunidades Ilan Brenman goste de emendar o final de uma história à outra, muitas vezes fazendo uso da mesma personagem, elas funcionam de forma independente e você pode, por exemplo, escolher uma história de cada país, ou começar pelas narrativas de um continente inteiro, como a África. Vamos, então, mostrar o mapa da viagem e, daí, você escolhe qual será a sua porta de entrada.

A viagem pela cultura da Grécia Antiga começa com uma curiosa história envolvendo Zeus e os mortais que explicaria a origem das penas de pavão, passa por histórias mais conhecidas da mitologia grega, como a de Eros e Psique ou a de Apolo e Dafne, por outra desconhecida do famoso rei Midas, traz um mito sobre a origem da flor jacinto, e termina com mais um mito de origem, dessa vez sobre as estações do ano. Ficou curioso para saber como elas surgiram, segundo os gregos? Pode ir direto até lá.

Mas se preferir outro canto do mundo, sua leitura pode começar pela China. Sendo uma das civilizações mais antigas, a primeira história selecionada desse país fala da origem do mundo. É seguida de uma parábola sobre dois monges que precisavam atravessar o rio e recebem um pedido inesperado de uma garota e de uma fábula sobre uma concha e uma garça que mostra como a intransigência pode nos cegar – e até nos matar. A arte do arqueiro perfeito, a arrogância daqueles que ousam desafiar a morte, além de duas narrativas sobre passagens da vida de Confúcio,

um pensador que influencia o modo de pensar dos chineses até os dias de hoje, completam a segunda parada.

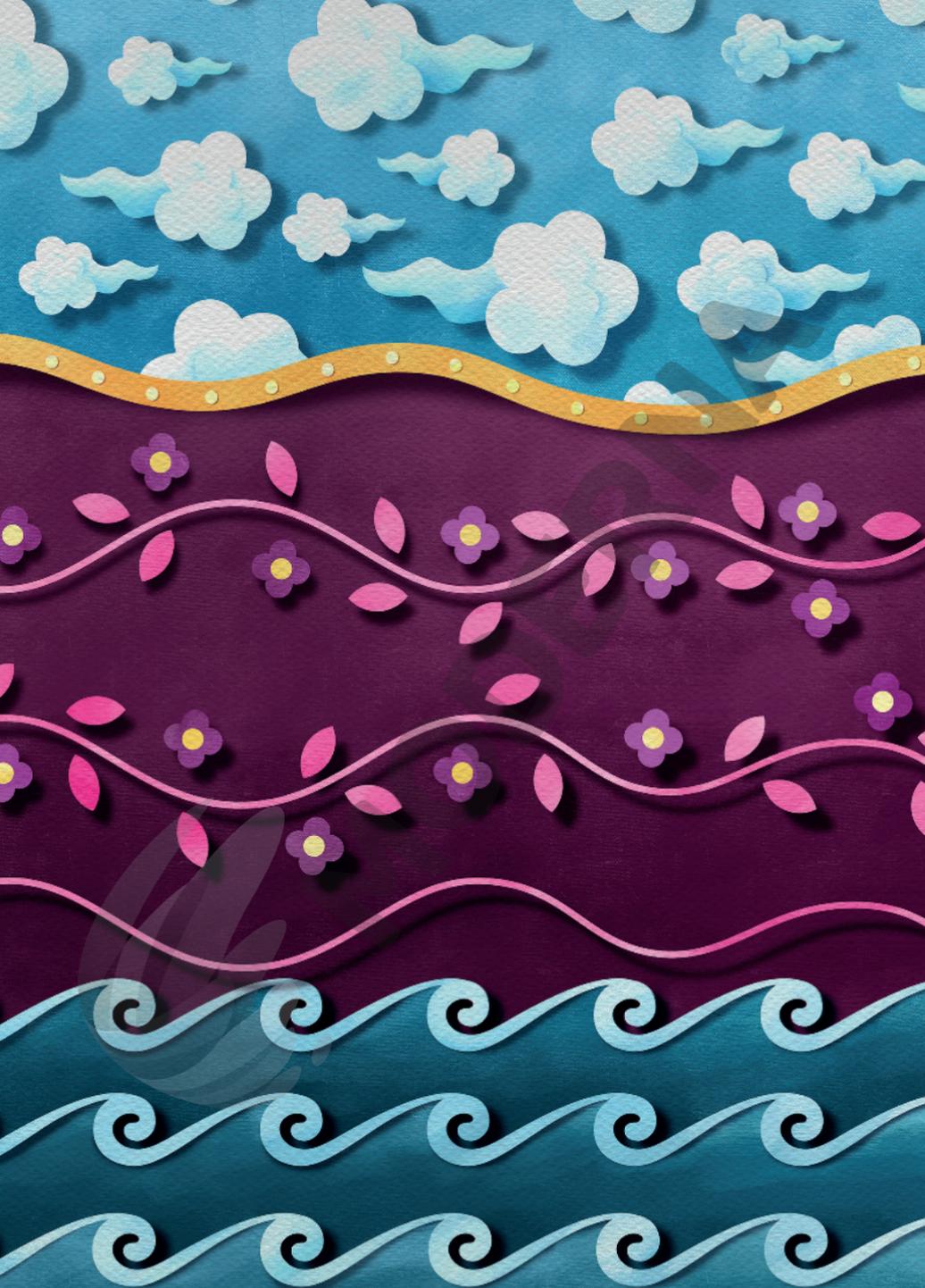
A estação-Brasil da viagem também traz ótimas histórias, a começar por “Sabido, sabidão!”, sobre um camponês esperto que, mesmo passando os maiores apertos, se dá muito bem, na melhor tradição das histórias como as do anti-herói Pedro Malasartes, que também seguem sendo contadas em Portugal. A seleção brasileira de Ilan continua com uma história com cheiro de enxofre e que tem um padrinho muito misterioso, e traz também três fábulas indígenas: a do macaco que precisou decidir se um determinado ovo pertenceria à raposa, a dona da galinha, ou à onça, dona do galo; a do esperto quati, que criou um jeito de fazer os outros bichos trabalharem para ele; e a poética busca do pássaro mauari em bicar o sono. Uma história cheia de puns e outra de uma galinha muito esquisita também integram a etapa brasileira. Fechando essa seção, temos o reconto de uma história da tradição oral da região Norte do Brasil, “O mistério das três velhas”.

Próxima parada: Rússia. Desse país com grande tradição literária, Ilan Brenman traz algumas preciosidades. Lições da vida aprendidas por camponeses e pessoas humildes, ou por nobres e poderosos, estão presentes nas histórias “O camponês tolo”, “Quem tudo quer...”, “O príncipe arrogante”, “A menina inteligente” (e bota inteligente nisso!) e “Destino”. No fim da viagem pelos contos populares russos, duas histórias curiosas: “A mulher mais chata do mundo” e “O homem mais teimoso do mundo”.

A volta ao mundo em 37 histórias termina onde a aventura humana começou: na África. Aqui é o mundo dos animais que falam e nos ensinam, e a magia começa com uma das muitas histórias da aranha Kwaku Ananse que combina direitinho com a epígrafe desse capítulo: “Quando as teias de aranha se juntam elas podem amarrar um leão”. As três narrativas seguintes também são fábulas: uma conta a história de uma pedra mágica encontrada por uma hiena; outra, a partilha de um gnu entre três bichos caçadores; e,

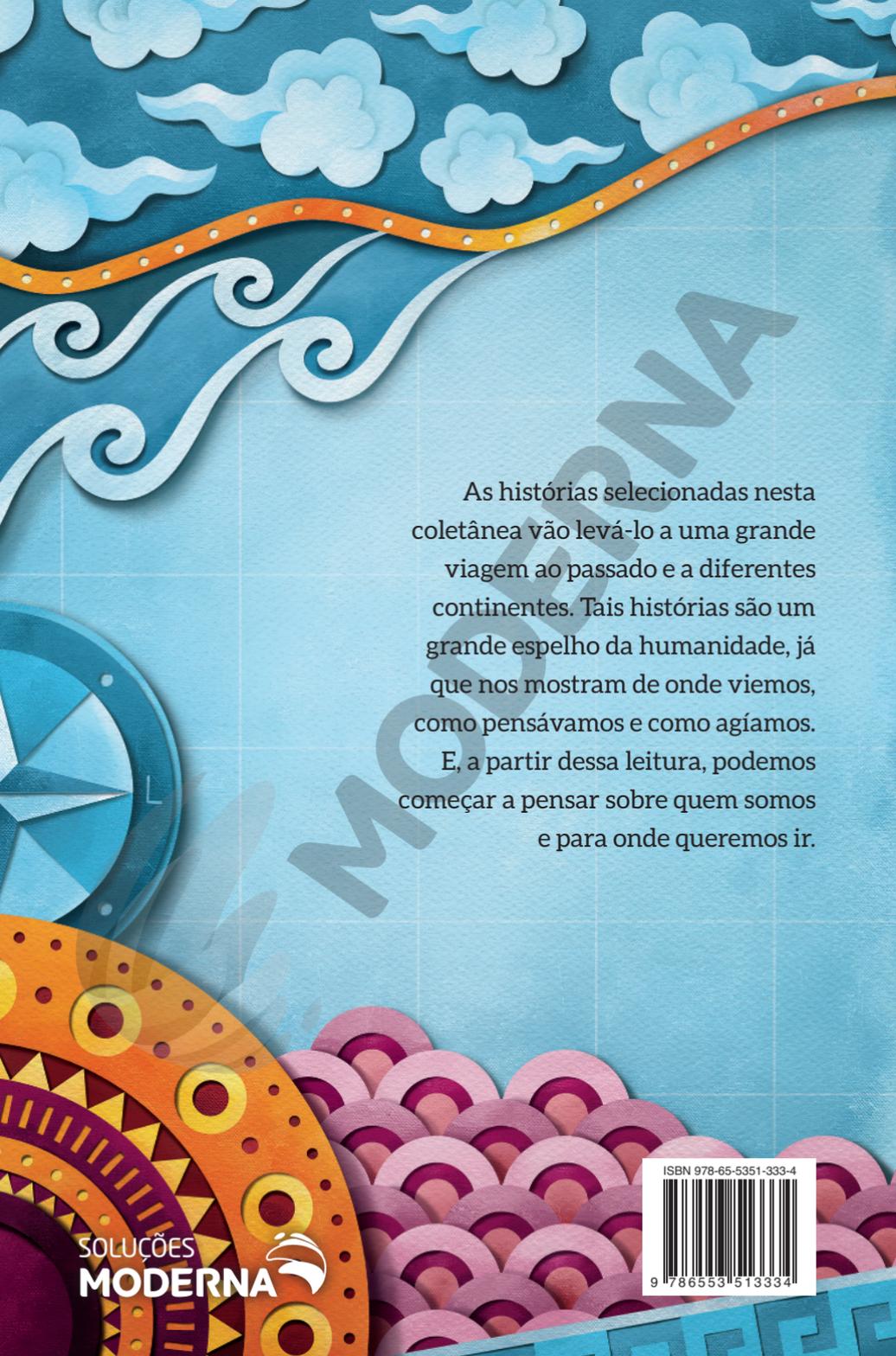
por fim, a história de um burro falante que se arrependeu do que disse. “O desafio de rei” é uma história sobre sucessão entre irmãos de um reino e “Dofu, o sábio” começa e termina com um enigma. Uma microparada para ler “A história mais curta da África” e a aventura termina com “Os irmãos, a velha e o Monte Kilimanjaro”.

Antes de desembarcar (ou embarcar...), uma explicação: o Monte Kilimanjaro dessa última história é a montanha mais alta da África e um lugar sagrado para muitos habitantes da Tanzânia, de onde ela veio. E uma dica se você gostou dessa viagem de histórias: o Ilan Brenman também escreveu outros livros de recontos africanos: *O faraó e o homem dos figos* (2016), *Amizade eterna e outras vozes da África* (2017) e *Contador de histórias de bolso: África* (2008), todos publicados pela Editora Moderna. Quem sabe, de tanto ler as histórias que nunca deixam de circular enquanto houver ouvintes e leitores, não nasce mais um contador (e criador) de histórias?





MODERNA



As histórias selecionadas nesta coletânea vão levá-lo a uma grande viagem ao passado e a diferentes continentes. Tais histórias são um grande espelho da humanidade, já que nos mostram de onde viemos, como pensávamos e como agíamos. E, a partir dessa leitura, podemos começar a pensar sobre quem somos e para onde queremos ir.

SOLUÇÕES
MODERNA 

ISBN 978-65-5351-333-4



9 786553 513334